

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Humanidades

Curso de Bacharelado em História

**“Uma Cidade só Cresce se a População Crescer Intellectualmente”:
Uma História da Educação de Serra Branca - PB (1942-1986)**

Eveline Leite de Souza

Campina Grande – Paraíba

Eveline Leite de Souza

**“Uma Cidade só Cresce se a População Crescer Intelectualmente”;
Uma História da Educação de Serra Branca - PB (1942-1986)**

Monografia apresentada como exigência do curso de Bacharelado em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do Título de Bacharelado em História.

Orientadora: Regina Coelli Gomes Nascimento

Campina Grande- PB



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

Eveline Leite de Souza

**“Uma Cidade só Cresce se a População Crescer Intellectualmente”:
Uma História da Educação em Serra Branca - PB (1942-1986)**

Monografia apresentada como exigência do curso de Bacharelado em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do Título de Bacharelado em História.

Orientadora: Regina Coelli Gomes Nascimento

Monografia Aprovada em: ____/____/____ com conceito ____

Comissão Examinadora

Prof.^a Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora)

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Examinador interno UFCG)

Prof. Janailson Macêdo Luiz (Examinador interno UFCG/PPGH)

Campina Grande- PB
novembro - 2012

A meus pais, Manoel e Rita; a meu namorado, Geovânio; aos meus irmãos, minhas três sobrinhas e meu sobrinho que sempre me incentivaram e me ajudaram no decorrer do curso. Dedico também às minhas amigas da universidade, em especial: Adriana, Ana Nery, Clébia, Elayne e Suzana. Também não posso esquecer-me de Ana Maria, Rosa e da minha orientadora Regina que acreditou em mim no momento que nem eu mesmo acreditava.

Agradecimento

A todos aqueles que, de alguma forma, ajudaram-me no decorrer desta trajetória, não estou me referindo só durante a monografia, mas sim no decorrer do curso. De maneira especial a meus pais, Manoel e Rita, os quais passaram muitas dificuldades para criar quatro filhos. Ele trabalhando de domingo a domingo na agricultura e ela trabalhando em uma creche. Entretanto, apesar dos obstáculos, conseguiram nos educar. A ambos dedico o meu trabalho que é a realização de um sonho não só meu, porém deles também. Enfim a toda minha família.

Nesta instituição, tive a oportunidade de conhecer pessoas especiais: Elayne, Clébia, Graça, Suzana e Adriana. A primeira e a segunda estão sempre presentes e nos ajudamos mutuamente; a terceira, além de conquistar minha amizade, passou a ser para mim um exemplo de superação e garra; a quarta foi formidável em um momento de grande dificuldade quando me acolheu em sua residência, fazendo com que eu fizesse parte da família, portanto é um orgulho tê-las como amigas. Há ainda aqueles (as) que por motivos alheios trilharam outros caminhos, como Ana Nery e Danilo que, apesar de distantes, devem ser lembrados.

A meu namorado, Geovânio, que foi meu apoio durante todo este período, pois sem ele teria sido muito mais difícil. Quando estive prestes a desistir, ele me incentivou, fazendo com que eu descobrisse meu potencial, mesmo quando os lapsos de memória me acometiam, impossibilitando de prosseguir com as escritas e as leituras.

Quero agradecer também àquelas pessoas que no decorrer da pesquisa disponibilizaram seu tempo livre para conversar comigo. Foi através destas entrevistas que adquiri conhecimento e tive a oportunidade de realizar um trabalho sobre a história da educação da cidade.

A alguns professores, os quais se mostraram humanos e compreensivos. Prefiro omitir os nomes para não cometer injustiças. A Ana Maria e Rosa, ambas assistentes administrativas do curso e a professora Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento que me orientou e aos professores Dr. Iranilson Buriti de Oliveira e Janailson Macêdo Luiz que fizeram parte da mesa examinadora.

Enfim, estendo meus agradecimentos a todos que direta ou indiretamente me auxiliaram no decorrer deste curso.

Resumo

Nesta pesquisa, temos como objetivo problematizar os caminhos percorridos pelos precursores da educação na cidade de Serra Branca – PB, de 1942 a 1986. Em nossas análises, percebemos inicialmente como era o relacionamento entre os moradores e o pároco João Marques Pereira, responsável pela educação na cidade. No primeiro capítulo, analisamos as lutas dos idealizadores para conseguir abrir uma escola no município, às formas de educar, o motivo da criação do único cinema da cidade e a implantação dos grupos na zona rural. No segundo capítulo, discutimos sobre a implantação das primeiras escolas, os cursos ministrados e a repercussão no cotidiano dos discentes e docentes. Ainda neste capítulo, discutiremos a intervenção do poder político na educação e as alterações realizadas pelas escolas para resolverem os problemas financeiros. Para concretização desta pesquisa, dialogamos com autores, a exemplo de Souza com suas discussões acerca da história de Serra Branca-PB; Pimentel e Araújo que me ajudaram a entender a diferença existente entre escola rural e escola do campo, bem como os processos de implantação desses grupos; Campos que discute sobre a capacitação dos trabalhadores, dentre outros. Tivemos também a colaboração essencial dos relatos orais das pessoas que participaram ativamente da implantação das instituições educacionais tanto na zona urbana e na zona rural. Através de seus pensamentos sobre a educação e a criação dos grupos, percebemos que a educação era responsável pelo desenvolvimento social, econômico e intelectual no município. Ainda Tivemos o prazer de ler as descrições deixadas pelo Cônego João Marques Pereira que foi o “responsável” pela intensa mobilização que culminou com a construção da primeira escola da cidade.

Palavra- Chave: Serra Branca, Educação, Professores e Principais Escolas.

Abstract

In this study, we aim at discussing the paths traveled by the pioneers of education in the city of Serra Branca-PB, from 1942 to 1986. In our analyses, we realized initially as was the relationship between the villagers and the parish priest, in charge João Marques Pereira of education in the city. In the first chapter, we analyze the struggles of creators to be able to open a school in the municipality, the ways of educating, the reason for the creation of the only cinema in the city and the deployment of the groups in the countryside. In the second chapter, we discussed about the deployment of the first schools, courses and the impact on the daily lives of students and teachers. Also in this chapter, we discuss the intervention of political power in education and changes by schools to resolve the financial problems. For achievement of this research, we speak with authors, like de Souza with their discussions about the history of Serra Branca-PB; Pimentel and Aguilár that helped me to understand the difference between rural school and field school, as well as the processes of implementation of these groups; Field that discusses the training of workers, among others. We also had the essential collaboration of the oral accounts of those who participated actively in the establishment of educational institutions both in urban and in rural areas. Through their thoughts about education and the creation of the groups, we realized that education was responsible for social, economic and intellectual development in the municipality. We still had the pleasure of reading the descriptions left by Canon John Majid who was the "responsible" for the intense mobilization that culminated with the construction of the first school in the city.

Keyword: Serra Branca, education, teachers and Schools

SUMÁRIO

Introdução:	9
Capítulo I: Educando Serra Branca: A Necessidade de Ensinar	22
1.1- As escolas em Serra Branca	22
1.2- Os primeiros educadores	25
1.3- As formas de reprimir	35
1.4- O Cine – Educativo	36
1.5- Educação Rural e Grupos Escolares	39
Capítulo II: As Primeiras Escolas	45
2.1- A salas de aula nas dependências da Igreja	45
2.2- A Escola Profissional Pio XII	46
2.3- O Grupo Escolar Vasconcelos Brandão	53
2.4- A Construção do Colégio Comercial Wamberto Torreão	56
2.5- A Escola Cônego João Marques Pereira	64
2.6- A intervenção do poder público na educação	70
Considerações Finais:	73
Referencias:	77
Fontes:	80
Anexos:	82

INTRODUÇÃO

Em uma noite de terça-feira fui a Universidade decidida a trancar o curso, ao informar a minha decisão a Ana¹, ela me aconselhou a convidar primeiro um professor (a) para ser meu orientador (a) se não conseguisse eu teria que “fechar” o curso. Ao sair do departamento convidei a professora Regina que acolheu meu convite, ao retornar a Serra Branca² fiz uma lista das pessoas que poderiam me ajudar com indicações, com imagens e com entrevistas. Esta última foi a mais trabalhosa, visto que eu ia as casas marcava um dia para retornar além de elaboramos uma metodologia para estimular a memória das entrevistadas, já que algumas pessoas se queixavam de lapsos de memória devido à idade e o tempo que ocorreram os fatos. Em algumas casas foi necessário ir mais de uma vez devido ao tempo disponível das pessoas.

A parte das entrevistas não foi fácil, além da falta de tempo encontrei dificuldade e resistência por parte de um ou outro gestor, que não concordava que parte da pesquisa fosse realizada nos arquivos dos educandários.

Logo depois do trabalho de campo e uma parte das obras lidas chegou o momento de adentrar na discursão do tema.

A monografia constrói-se como objetivo de problematizar o processo de implantação da educação, atrelado ao processo de desenvolvimento social, econômico e intelectual da população em um período correspondente aos anos de 1940 a 1986.

Pensamos escrever sobre a educação para revisitar um espaço que ultimamente só existe nas lembranças daquelas pessoas que fizeram parte do processo educativo local. Problematizamos ainda as identidades³ construídas durante esse percurso, dividimos o trabalho em dois capítulos: no primeiro demos ênfase as lutas dos moradores e idealizadores para conseguir abrir a primeira escola no município, buscamos analisar as formas utilizadas pelos professores para educar as crianças dentro

¹ Assistente Administrativo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

² Serra Branca é um Município brasileiro do Estado da Paraíba. Localiza-se na microrregião do Cariri Ocidental e na mesorregião da Borborema. Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2012 sua população está estimada em 13.101 mil habitantes. E possui uma área territorial de 738 km². Fica a 238 km de distância da Capital, João Pessoa.

³ “As identidades ganharam livre curso e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, captura-las em pleno voo” (...). (BAUMAN, 2005, p. 35). Assim a educação foi um ato de libertação para os moradores de Serra Branca.

dos educandários, elencamos os motivos que levaram a construção do único cinema da cidade e como ocorreu a implantação dos grupos escolares na zona rural. Esses espaços foram considerados e analisados como estabelecimento de relacionamento social durante a luta para construção das escolas e implantação os cursos, inclusive os de capacitação profissional. Cada espaço tinha sua dimensão religiosa, social, econômica e política. Os mesmos foram construídos pelos moradores que habitaram e alguns ainda habitam o município de Serra Branca-PB.

Dentro desse contexto a iniciação da educação em Serra Branca começou tímida, na década de 1940, aos poucos foi ganhando importância, conquistando espaço, ampliando a quantidade de educandários, diversificando os cursos e melhorando a qualidade do ensino. Todo percurso foi importante para esse município como nos fala durante a entrevista, a professora aposentada da Maria Augusta de Brito⁴ “foi extraordinário para a cidade a construção das escolas e dos novos grupos, a inclusão de novos cursos principalmente na área da educação, devido ao acréscimo do número de professores trabalhando sem ser habilitado para exercer a profissão”.

No segundo capítulo refletimos sobre a implantação das primeiras escolas, os cursos ministrados e a repercussão no cotidiano dos discentes e docentes. Ainda neste capítulo discutiremos a intervenção do poder político na educação e as alterações realizadas pelas escolas para resolverem os problemas financeiros e se adequarem a nova condição social.

Os moradores conquistaram novos hábitos incluindo a diversão devido à inauguração do cine-educativo o qual além de divertir tinha o objetivo de ajudar as pessoas carentes, a ajuda a qual nos referimos era segundo o Pároco “a transformação do lucro do cinema em bolsa de estudos para as crianças carentes”.

Durante as entrevistas observamos como foi o relacionamento das pessoas para conseguir iniciar o ano letivo em um lugar precário e sem recurso, mas esse espaço foi pensado como o primeiro passo para posteriormente construir outros educandários e estabelecer a educação como uma meta a ser cumprida.

Tal caminho foi muito difícil de ser trilhado devido à carência de dinheiro, mas o padre conseguiu convencer os serra-branquenses que:

⁴ Em entrevista concedida a autora no dia 08 de agosto de 2012.

A educação é em geral adjetivada, aparecendo em associação a outros termos: básica, aberta, popular, compensatória, profissional, integral, em serviço, à distância, especial, formal, fundamental, geral e tantas outras. Essas diversidades de adjetivos possibilita aos educadores dar conta da amplitude do conceito e relaciona-los ao campo do desenvolvimento (...). (CAMPOS, 2009, p. 50).

A educação funciona a partir destas diversidades apresentadas por Campos (2009) avalia quais foram as diferenças que levaram a consolidação e desenvolvimento educacional no município de Serra Branca.

As escolas eram compreendidas de modo distinto para os moradores tanto da cidade quanto dos sítios. O certo é que, para os residentes da zona rural não havia mais a necessidade de sair do seu lugar para *estudar*, a educação ofertada nos grupos aumentou o número de crianças matriculadas na zona rural.

Porém as escolas fizeram parte da educação dos ricos e dos pobres, já que todos se beneficiaram, o que permitiu aos historiadores e pesquisadores penetrar nas abordagens pedagógicas em torno do tema, consentindo a averiguação da idealização de um povo. A explicação para o termo *educar* está presente nas descrições do passado e nos relatos das pessoas que viveram, trabalharam e estudaram nas escolas pesquisadas. Deste modo, realizamos uma pesquisa sobre os antigos costumes educacionais e desejamos identificar os obstáculos enfrentados por todos os envolvidos no projeto.

A educação no Município de Serra Branca foi visto como uma abertura para o desenvolvimento não só intelectual dos habitantes, mas cultural e econômico mesmo antes de ter seu território emancipado⁵.

Ao realizar esta pesquisa percebemos que a educação nesta localidade era um sonho a principio de um Padre recém-chegado a matriz e depois passou a ser o objetivo de toda população do distrito e posteriormente da cidade, a partir desta descoberta buscamos resgatar a introdução educacional em Serra Branca.

Mas a política educacional utilizada foi eficaz para a construção de diversas escolas e grupos que em sua maioria foram implantados na zona rural conforme reza a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961*⁶ “a educação é direito de todos e será dada no lar e na escola”. Deste modo, esta passagem se enquadra aos

⁵ A primeira escola foi aberta na cidade de Serra Branca no final dos anos 40, mais precisamente em 1946, e o município só foi emancipado no ano de 1959.

⁶ A lei em questão é a Lei nº 4 024 de dezembro de 1961.

dois tipos de escola que conhecemos no decorrer desta pesquisa. Assim sendo a educação do lar pode ser mencionada também quando nos referimos às escolas das zonas rurais, pois as mesmas em alguns sítios foram instaladas e funcionavam nas residências dos próprios educadores. A expansão das escolas aconteceu não só por decisão participativa popular e religiosa, mas o Município, o Estado e a União também tiveram sua participação na construção e manutenção a princípio dos grupos escolares e da Escola Cônego João Marques Pereira.

A pesquisa da história da educação foi tratada através de abordagens orais e nos preocupamos em descrever o significado destas escolas para os diversos seguimentos da sociedade Serra-branquense. Pois segundo a Professora Estelita Antonino⁷ “o Pároco só acreditava em crescimento social e econômico quando as pessoas do local crescessem primeiro intelectualmente”.

Então escolhemos esse tema “*Uma Cidade só Cresce se a População Crescer Intelectualmente*”: *Uma História da Educação em Serra Branca- PB. (1942-1986)*, pensando na reflexão feita pelo Cônego, entretanto já foram publicadas várias obras que tiveram como fonte de pesquisa a educação, a exemplo de Campos (2009) nessa obra a autora citada fala como se deu o processo da educação e formação das pessoas e analisa as modificações que ocorreram na vida dessas pessoas durante o período de modernização social, econômico e acima de tudo no âmbito pessoal. A partir da obra de Campos percebemos que a educação da cidade de Serra Branca foi se ampliando seguindo o exemplo de outras cidades bem como as obras do Padre Ibiapina.

Otaiza de Oliveira Romanelli (1980), em seu livro analisa os vários períodos da história da educação do Brasil e descreve como foram implantados cada curso e qual classe social cada um deveria alcançar, como funcionavam, as disciplinas e o ano de duração de cada um. A partir desta leitura percebemos quando e como ocorreu cada movimento, cada reforma voltada para o aprendizado e porque o curso de corte/costura, bordado, datilografia, arte doméstica, primário, comercial e magistério foram introduzidos no município pesquisado.

A autora Pimentel (2010) analisou a relação entre o homem e a natureza incluindo outros aspectos como: o modo de vida das pessoas, a iniciativa do Estado para inserir grupos escolares nos sítios e também ofertar aos professores cursos de formação

⁷ Em entrevista concedida a autora no dia 21- 03- 2012 pela escritora do livro: **Fatos Históricos de Serra Branca**.

docente antes dos mesmos comecem a lecionar. Mas só em 1983 foi inserido no município o curso do Magistério para capacitar pessoas que optassem por trilhar a carreira docente.

Quando Pimentel descreve este artigo ela se preocupa em mostra aos leitores as dificuldades enfrentadas pelas pessoas para ter a oportunidade de incluir a educação nos lugares distantes da zona urbana. Ela ainda faz um levantamento sobre como funcionavam as políticas publicas voltadas para a educação, além de distinguir a educação rural da educação do Campo. Em Serra Branca pode ter acontecido um tipo de educação, citado pela autora, a educação rural com incentivo dos latifundiários e dos políticos, já que os grupos foram projetados, construídos e mantidos pelo Estado. Além de manter um funcionário do Estado habilitado para vistoria-los, os mesmos deveriam ser agregados a um grupo na zona urbana para facilitar o envio de verbas, material para manutenção e o pagamento dos professores.

Problematizamos, então como ocorreu a construção das escolas e os percursos que levaram a sociabilização cultural e religiosa da população, visto que os mesmos contribuíram historicamente na formação educacional de Serra Branca durante as décadas de 1940 a 1980.

Começamos ressaltando que não foi realizado nem um trabalho ou pesquisa acadêmica voltada à exploração desse tema durante o recorte temporal que trabalhamos. Quando analisamos os arquivos das escolas e da casa paroquial encontramos as práticas sociais da sociedade em discursão, junto à igreja, ao comercio e os eventos, essas práticas foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Quando nos referimos a História de Serra Branca, existe a obra de Souza (2008) que engloba toda história local em poucas páginas. E foi organizado um trabalho intitulado por *Projeto Matinoré*. O mesmo foi elaborado por alunos que estudavam o ensino fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio. Então, estes trabalhos são realizados de modo a fazer um levantamento a respeito do número empreendimentos existente na cidade.

Ao mencionarmos este município durante os anos analisados, sentimos uma dificuldade significativa devido à inexistência de fontes documentais, por este motivo recorremos a oralidade, mas as pessoas ao longo do tempo tendem a esquecer o que ocorreu ou não recordam o que vivenciaram necessitando de estímulo para que estas lembranças venham a tona. Além disso, alguns documentos foram incinerados ou destruídos por insetos, deixando uma lacuna.

O termino do curso de Bacharelado em História se dará com a minha monografia, este trabalho trouxe Serra Branca para os debates históricos e acadêmicos. Nesse sentido, essa produção possui relevância acadêmica por trazer problematizações e questões teóricas pertinentes, dando ênfase as questões sociais por contar o passado dos moradores serra-branquenses. Mesmo com dificuldade para encontrar fontes, chamamos a atenção para o espaço de vivencia e as formas utilizadas para mudar e melhorar a realidade do povo. No entanto, os métodos utilizados atingiu o objetivo desejado em longo prazo e depois de muita luta dos moradores e do Padre.

No que diz respeito à historiografia paraibana sobre o tema, a análise da implantação da educação ligada os grupos escolares foi realizada a partir da obra de Pinheiro (2002), em seu livro no qual é discutida a implantação de um modelo de grupo gratuito e qual a repercursão destes grupos não só na sociedade serra-branquense mais em todo Estado.

Pinheiro (2002) se propõe a descrever a origem, a organização e o funcionamento desse tipo de grupo. Todo seu livro faz alusão aos grupos e aos espaços os quais foram inseridos.

Para poder construir essa narrativa histórica sentimos a necessidade de analisar antes fontes locais para adentrar a história que iríamos pesquisar, então percebemos que tais fontes eram inexistente o que nos levou a optar pelos caminhos da oralidade.

Esse contato com pessoas que viveram, estudaram e trabalharam nos permitiu ficar diante das fontes e analisa-las, conseguimos problematizar a realidade dos serra-branquenses dentro de um espaço religioso, econômico, educativo. Acrescentamos ainda relatos dos entrevistados e fotos dos eventos. Então, optamos pela historia oral para enriquecer o nosso trabalho, pois foi a partir das conversas que podemos adentrar e reconstruir o espaço que foi alterado ao longo dos anos.

Ao fazer uso da Historia Oral recorremos a Freitas (2006) a qual descreve em sua obra que “a história oral temática é feita com entrevista que é elaborada com caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas sobre um assunto específico. Essas entrevistas têm características de depoimento e não abrange todas as necessidades dos depoentes”. Historicamente conseguimos delimitar o espaço, os costumes e o cotidiano dos habitantes através das narrativas dos moradores.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi elaborada por meio do uso de documentos eclesiásticos e entrevistas a respeito do tema. Não foi encontrado nenhum documento nos arquivos do poder público, todo material utilizado neste trabalho incluindo as fotos pertencem aos acervos particulares das pessoas entrevistadas, dos arquivos eclesiásticos e das próprias escolas. Para analisar os caminhos percorridos pelos precursores da educação em Serra Branca, consultamos pessoas que participaram dessa trajetória, documentos nos arquivos das Escolas: A Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Vasconcelos Brandão, Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental e Médio Conego João Marques Pereira, além das informações colhidas nos arquivos do Quinto Núcleo de Educação, este localizado no Município de Monteiro⁸. Todos os documentos foram utilizados para fundamentar esta pesquisa, as entrevistas devem ser consideradas como fontes principais além das fotografias que serviram para ilustrar o trabalho e serão usadas como complemento das entrevistas.

Preferimos analisar todo trajeto percorrido pelo Padre Conego⁹ João Marques Pereira idealizador educacional e das demais pessoas que acreditaram em sua proposta e adotaram o projeto sobre o desenvolvimento educacional local. A educação, segundo Campos (2009) em sua obra a qual analisa a educação como um sentido de mudança para a contemporaneidade, mas para que essa transformação aconteça e se desenvolva, era imprescindível que ocorresse uma organização nos currículos, nos tempos e nos espaços escolares, da gestão e do trabalho dos professores. Tais alterações de hábitos iriam interferir na vida social, cultural e intelectual dos habitantes.

A partir das entrevistas conhecemos o andamento das construções e das inaugurações das respectivas escolas: Escola Profissional Pio XII, começou a funcionar em 1955; do cine- educativo foi inaugurado em 1966, único cinema da cidade e que funcionava interligado com a educação local; no mesmo ano o Colégio Comercial Wamberto Torreão foi fundado; em 1969 foi à vez da Escola Vasconcelos Brandão abrir

⁸ Todas as escolas de Serra Branca enviam seus documentos para o Quinto Núcleo de Ensino o qual fica localizado no município de Monteiro. Deste modo, alguns documentos estavam arquivados no dito município.

⁹ De acordo com o Aurélio, não há diferença entre as denominações de Padre e Conego, todos são ordenados seguindo o mesmo sacramento. Hoje o Conego é um título de homenagem e reconhecimento por serviços prestados a Igreja. No decorrer deste trabalho iremos chamar João Marques Pereira de: Padre (após ser ordenado), Conego (Padre secular pertencente a um cabido e com obrigações religiosas numa sé) e pároco (É um Padre encarregado de uma guia, sinônimo de vigário). Devido a população local trata-lo deste modo.

suas portas e no final da década de 1960 foi à vez da zona rural ser contemplada com as construções dos grupos escolares. Depois da construção dessas escolas e a ampliação do número de alunos surgiu a necessidade de formar professores em Serra Branca sem que os mesmos mudassem para outros municípios. Então a partir de 1986 a Escola Cônego João Marques Pereira foi ativada com o curso do magistério.

De um modo geral as escolas eram organizadas a princípio pelos Padres e os mesmos se responsabilizavam por gerir estas instituições. Portanto, Libânio afirma que gestão pode ser definida de acordo com.

(...) Os processos intencionais e sistemáticos de se chegar a uma decisão e fazer a decisão funcionar, a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos (...). (LIBÂNIO, 2008; 101).

Com a análise dos documentos sobre a fundação das escolas, juntamos as experiências dos entrevistados e as descrições registradas pelo Padre nos livros de Tombo.

Vinculamos a pesquisa outras fontes bibliográficas de autores que discutem sobre pontos específicos que serão utilizados no decorrer desta redação, são eles: *Sousa (2008)*, *Freitas (2006)*, *Freire (2011)*, *Coraggio (2000)*, *Libânio (2008)*, entre outros. Estes autores defendem a educação como o principal passo a ser dado para desenvolver não só uma comunidade, mas regiões e países, discutindo também práticas de educação e organização escolar, além de descrever fatos históricos sobre o município de Serra Branca

A educação pode ter sido vista como um acontecimento necessário para a população da Cidade de Serra Branca. Mesmo assim ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que explore essa temática utilizando documentos locais. Então entendemos que essa temática merece maior atenção dos historiadores, para que as pessoas que lutaram para inserir a educação no município não sejam esquecidas e tenham seus esforços devidamente reconhecidos.

Para realizar esta pesquisa utilizamos fotografias de pessoas que vivenciaram e participaram daquele que foi um acontecimento muito importante para esta comunidade, recorremos a documentos bibliográficos dos acervos pessoais das seguintes pessoas: Margarida Antonino da Silva e Estelita Antonino de Souza, como também livros de tombo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, localizada neste Município, e da história oral, que nos permitiu colher informações através de entrevista. Segundo

Freitas a entrevista tem caráter temático, onde cada pessoa ouvida se aprofunda na descrição de um acontecimento, e é realizado com um grupo de pessoas sobre um assunto específico.

Freitas que ressaltam a história oral como um depoimento que pode ser mais numeroso dando ênfase a uma quantidade maior de informações, que permite a compreensão entre elas. No entanto, no transcorrer das entrevistas as pessoas prestaram seus depoimentos contando passo a passo de suas memórias sobre o tema abordado, mas em nem um momento expliquei que estávamos trabalhando com história oral e nem fui questionada por nem um deles.

Como citamos anteriormente as entrevistas foram realizadas com um grupo de pessoas que participaram diretamente da implantação da educação em Serra Branca e se deu de duas formas; gravadas e escritas devido algumas pessoas não se sentirem a vontade diante de um gravador. Mas todas foram importantes para ampliar o conhecimento do passado e interpretar melhor os acontecimentos a cerca de um passado que se faz presente até hoje.

As entrevistas se deram com pessoas comuns e sem elas teria sido muito difícil ou impossível de construir a história sobre a educação no decorrer de mais de 40 anos. Durante a conversação foram feitas perguntas sobre: Como foi construída a primeira escola? Quem foi o idealizador? Quem foram os primeiros professores? Qual a ligação do cinema com a educação? Por que o colégio foi estadualizado? Dentre outras.

A partir destas informações, vale chamar a atenção para a história oral que é um caminho extremamente importante para conhecer e descrever as diversas possibilidades que surgem com este tipo de pesquisa. De acordo com Freitas entende-se que história oral é um processo que.

(...) Utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento, sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, esta relacionada ao seu papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais (...) é um método de pesquisa que utiliza até técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativa da experiência humana (...). (FREITAS, 2006; 15-18).

O emprego de uma pesquisa utilizando a história oral é de grande relevância requer tempo disponível para preparação das entrevistas, o contato com os entrevistados, a gravação dos depoimentos, a transcrição, a revisão, e a separação do que vai ser utilizado neste trabalho.

Ao conversar com as pessoas entrevistadas eu estava utilizando a história oral para que elas relatassem os acontecimentos do passado. Tais entrevistas foram realizadas durante a pesquisa da monografia, são constituídas basicamente das ações que aconteceram nestas escolas, então faremos uma história do passado, aferindo sentido aos relatos narrados no decorrer das entrevistas.

Então, elaboramos um roteiro para delimitar o trajeto a ser seguido no ato das entrevistas que foram realizadas com pessoas escolhidas a partir de suas histórias de vida e compromisso com a educação e da participação direta com as realizações idealizadas pelo Padre João Marques Pereira. Utilizamos uma foto para demonstrar a participação da população em eventos promovidos pela Escola Profissional Pio XII.

Desfile Cívico realizado no dia 07 de setembro de 1958, com encerramento em frente ao cinema:



FOTO 1- Acervo pessoal de Margarida Antonino da Silva.

Podemos associar a história oral outras bibliografias que falam sobre a temática escolhida para realização desta monografia, ou seja, selecionamos autores que pesquisaram a educação para escrever suas obras, a exemplo de Freire (2011), Coraggio (2000), Sousa (2008), dentre outros. Estes livros permitem a realização de comparação entre as entrevistas, os documentos e as demais bibliografias.

Deste modo, percebemos que ao utilizar diferentes fontes podemos aprofundar o conhecimento acerca do tema e compreender as discordâncias entre as fontes orais, pois cada um descreveu suas inquietações, ou seja, os momentos que marcaram suas vidas. Todas as informações foram realizadas por meio de perguntas visando estimular a memória dos entrevistados.

No primeiro capítulo iremos discutir sobre a implantação da educação no Município de Serra Branca¹⁰, fazendo uma análise do avanço ocorrido a partir do início da década de 1940, mais precisamente em 1942. Após os anos de 1955 se deu a construção da primeira escola, e suas sucessoras até os anos de 1986. Discutiremos também como os primeiros professores lecionavam no decorrer dos anos pesquisados, como conseguiam inventar e reinventar espaço físico para ministrar as aulas, visto que ainda não havia sido concluída a construção de nenhuma escola. Para atingir o objetivo principal que era levar o conhecimento a todos, tanto do meio urbano quanto do meio rural. Neste último havia o maior contingente populacional da época, os professores revezavam no salão paroquial para ensinar a todos que buscavam o conhecimento.

Neste período Serra Branca tinha sua sede administrativa indefinida¹¹ e por isso os gestores municipais não se interessavam em investir na educação. Portanto, só a partir do ano de 1942, com a chegada do Vigário Cônego João Marques Pereira a Matriz, a sociedade mudou a forma de debater sobre educação devido ao incentivo do religioso, o qual buscava desenvolver intelectualmente os habitantes. Mas, a situação financeira das famílias impedia o acesso da maior parte da população à escola levando o Padre a desenvolver meios para incentivar e garantir não só o ingresso como também a permanência das crianças e jovens menos abastados na escola.

No segundo capítulo, faremos um levantamento das escolas pioneiras, começando pela Escola conhecida como Escola do Padre, seguindo pela Profissional Pio XII, a mesma foi fundada em 1955 com o objetivo de atender a todos os jovens serra-branquenses, alfabetizando e ensinando-lhes uma profissão. Esta Escola (grupo) foi mantida financeiramente com os esforços do Pároco.

¹⁰ Ler a nota 2.

¹¹ De acordo com relatos orais, Serra Branca surgiu a partir de duas fazendas de gado as margens dos rios porção e jatobá que posteriormente originaram um povoado denominado por Jericó. Em dezembro de 1943 foi redigido um decreto de lei nº520 que alterou o nome deste lugar passando a se chamar Itamorotinga, que na língua Tupi- Guaraní significa Pedra esbranquiçada, esse nome se deu devido à região ter uma enorme elevação rochosa que hoje é conhecida por serra do jatobá, além de eleva-lo a Distrito da cidade de São João do Cariri. Já no ano de 1947 o Distrito foi elevado à categoria de Cidade e voltou a utilizar o nome de Serra Branca.

Portanto, esta disputa continuou até o ano de 1951 quando a sede regrediu a distrito do Município São João do Cariri, entretanto a indefinição política e territorial do Município de Serra Branca permaneceram em um impasse até o ano de 1959, no dia 10 de Abril deste mesmo ano foi criado o decreto de lei nº 2.065 que permitiu o desmembramento definitivo entre as cidades de Serra Branca e São João do Cariri. Então Serra Branca se tornou Município e teve seu território dividido e a ele anexado três distritos, foram eles: Coxixola, Santa Luzia e Sucuru. Essa divisão territorial permaneceu assim até o ano de 1994, quando no dia 29 de abril o distrito de Coxixola foi emancipado. Então o atual território de Serra Branca ficou com dois distritos, são eles: Santa Luzia e Sucuru.

Posteriormente, ampliou o número de estudantes surgindo à necessidade de construir uma escola mais ampla para acolher a demanda dos alunos, além de implantar o ginásio¹². Com a ampliação das series os alunos não necessitavam mais se dirigir a outras cidades para dar continuidade aos estudos. Contando com doações da sociedade o Colégio Comercial Wamberto Torreão¹³ foi erguido.

Todos os centros educacionais passaram por intervenções políticas, para continuar funcionando. A Escola Vasconcelos Brandão já foi construída com recursos da União, no ano de 1950, período em que o País estava vivenciando uma forma de governo democrático, mas cheia de restrições o que correspondia ao fim do Estado Novo, tendo como representante o Presidente General Eurico Gaspar Dutra¹⁴. As duas primeiras escolas acima citadas passaram por inúmeras dificuldades financeiras, já que os alunos deveriam pagar mensalidades equivalentes a “Cr\$ 500,00 e Cr\$ 300,00 pela matrícula, respectivamente, ficando inclusive certo que deveria haver uma ponderação em pagamento para aqueles que não dependem de boa situação financeira” (SOUZA, 2008). A situação das Escolas ficou quase insustentável até que o Colégio Comercial foi estadualizado e a Escola Profissional Pio XII foi municipalizada.

No entanto, houve a necessidade de formar professores. Então no ano de 1983 foi construída a Escola Municipal Conego João Marques Pereira¹⁵ com o curso do magistério.

¹² O nível de escolaridade em discussão, hoje é referente ao ensino fundamental maior que corresponde do sexto ao nono ano e ao ensino médio.

¹³ Foi comerciante no Distrito de Serra Branca e amigo do Cônego João Marques Pereira. Segundo os entrevistados o Cônego o homenageou por dois motivos: o primeiro foi porque o nome do Colégio deveria ser de uma pessoa já falecida e o segundo motivo foi devido às contribuições, financeiramente falando, realizadas por ele durante a abertura da Escola do Padre.

¹⁴ Nesse governo a educação reapareceu como direito concedido a todos e deste modo o Estado deveria garantir na forma da lei a permanência dos alunos na escola, a educação em todos os níveis, juntamente com a iniciativa privada.

¹⁵ O nome desta escola tinha como objetivo homenagear o precursor da educação da cidade de Serra Branca.

Capítulo I

Educando Serra Branca: A Necessidade de Ensinar

Durante as entrevistas compreendemos a expectativa dos habitantes da Cidade de Serra Branca, no momento em que foram convidados a participar de um projeto voltado para construção de uma escola.

A partir das informações fornecidas pelos moradores fizemos uma análise preliminar em torno dos conceitos apresentados e no início deste trabalho iremos resultar alguns procedimentos relacionados à história da educação no Município de Serra Branca, demonstrando de modo específico os termos que evidenciem as informações e as análises do processo de implantação das primeiras escolas. Na primeira parte deste trabalho tentamos descrever os caminhos trilhados pelos idealizadores para construir a primeira escola, o cine-educativo, as formas usadas para evitar conflitos dentro da sala de aula e a implantação da educação e dos grupos escolares na zona rural. Todos esses fatores só evoluíram devido à presença dos educadores, os quais foram determinantes para o desenvolvimento educativo do município. Iniciamos este capítulo falando como ocorreu a trajetória do religioso para educar os cidadãos serra-branquenses.

1.1-As Escolas em Serra Branca

Em 1942, a ideia de construir um lugar para instalar uma escolinha existia apenas no imaginário e na necessidade dos moradores. Mas, com a chegada do Cônego¹⁰ João Marques Pereira natural do Distrito de Serra Redonda¹⁷, o povo despertou o desejo de construir uma escola e/ou posteriormente ampliá-la. Deste modo, ele realizou o desejo dos moradores e seu de introduzir a educação em Serra Branca. Em período em que a cidade de Serra Branca¹⁸ não era emancipada.

¹⁰ Ler a nota 9.

¹⁷ Serra Redonda é um município do Estado da Paraíba (Brasil) localizada na microrregião de Campina Grande, na mesorregião do agreste, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010 o município tem uma população de aproximadamente 7.050 habitantes e uma área de 56 Km². A mesma foi emancipada no ano de 1953 e está localizada há 897 km de distância da Capital, João Pessoa.

¹⁸ Leia as notas 2 e 11.

Até o ano de 1962 as aulas eram ministradas em um salão pertencente à igreja, lá funcionavam turmas de primeira a quarta série e os cursos profissionalizantes, depois que a construção do colégio foi concluída, as turmas foram transferidas para a escola nova, no ano de 1963. A partir deste ano, houve um aumento da demanda de alunos nas escolas, surgindo a necessidade de construir outros educandários e dividir os discentes de acordo com alguns critérios, como a idade e a série das crianças. Posterior ao fim da construção do colégio, os alunos que estavam estudando da alfabetização à quarta série na zona urbana passaram a estudar no Grupo Vasconcelos Brandão e as crianças da zona rural tiveram a possibilidade de frequentar as escolas nos próprios sítios próximos as suas residências, deixando para o novo educandário apenas as turmas de quinta a oitava série e os três anos do curso comercial¹⁹.

Na década de 1980, o professor Milton Brito realizou uma pesquisa junto aos moradores e descobriram que a população aspirava à oportunidade de introduzir no município um curso voltado para a capacitação de docentes e três anos depois, no ano de 1983, foi inserido no município o curso do magistério na Escola Conego João Marques Pereira, lembrando que essa escola no começo só seria aberta para ofertar o curso para habilitar professores, mas os organizadores resolveram também instalar o primeiro grau (ensino fundamental), nos turnos da manhã e tarde, deixando o turno da noite exclusivamente para o novo curso.

Esta pesquisa vem discutir as práticas cotidianas, as experiências e o convívio social dos moradores dos sítios e da cidade. O entendimento do significado dessas práticas pode ser percebido após a alteração dos aspectos sociais e históricos ocasionados devido à construção das mesmas. Segundo a professora Edite Antonino, em entrevista²⁰, ela nos disse que houve algumas alterações visíveis na população local, tanto do ponto de vista intelectual quanto econômico. Veremos o depoimento:

Como tudo na vida tem dois lados um bom e um ruim, neste caso o lado bom foi a garantia de manter o colégio funcionando, pagar os funcionários, fazer a manutenção do educandário e ampliar as bolsas estudantis para os jovens. Já o lado ruim foi a perseguição política que os funcionários foram obrigados a conviver. (...). (SOUZA).

¹⁹ De acordo com as novas mudanças sugeridas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), a quarta série corresponde ao atual quinto ano do ensino fundamental, as quintas e a oitavas series corresponde ao sexto e ao nono ano também do ensino fundamental. Já os três anos do ensino comercial de lugar aos três anos do ensino médio.

²⁰ Em entrevista concedida á autora pela Professora Edite Antonino de Assis Sousa, no dia 17 de Abril de 2012.

Nesse depoimento a professora relata os pontos positivos e negativos que ocorreram no interior do espaço físico da escola a qual ela trabalhou, além de afiançar o estudo daqueles estudantes que não dispunham de condições para arcar com as despesas das mensalidades e evitando que houvesse um aumento da evasão escolar. Quando a professora Edite Antonino se refere aos problemas relacionados aos políticos, é importante frisar que naquele período não era comum à realização de concurso público, nem municipal e nem estadual, mais provavelmente por este motivo sempre após os pleitos eleitorais o candidato eleito substituíra todo o quadro de funcionários e demitia os opositores.

Dentro deste contexto histórico e político, os funcionários não eram efetivos e as palavras demissão e admissão passaram a ser usadas com frequência em “cartas” que lhes eram enviadas sempre após cada eleição.

No entanto, as dificuldades vivenciadas pelos funcionários dos educandários não atrapalhava o funcionamento das escolas e nem do cumprimento do ano letivo. Pelo contrário, a luta para manter as escolas abertas continuava. Os cursos foram implantados para capacitação de mão-de-obra e redução do desemprego, já que o povo convivia uma realidade de emprego por indicação, ou seja, as pessoas aptas ao mercado de trabalho deveriam ir à procura de pessoas que os encaixavam em uma ou outra vaga. Dependendo do cargo a ser assumido não exigia-se certificado ou experiência. Mas, o Cônego tentava incentivar o estudo e a capacitação profissional como forma de ampliar a oportunidade não só de entrar, mas de se manter no trabalho. Portanto, aquelas pessoas ditas formadas com diploma²¹ tinham mais chance de conseguir outro emprego.

E aos poucos as primeiras escolas foram cumprindo com seus objetivos e sucessivos cursos profissionalizantes foram sendo implantados, dentre eles destacaram-se os cursos de corte/costura, comercial, e magistério. Todos estes cursos tinham dois objetivos, o primeiro seria desenvolver o intelecto e ampliar o conhecimento dos alunos e o segundo habilita-los para o mercado de trabalho. Então, o estudo nos cursos profissionalizante deveria exercer a função de transformar a vida daquelas pessoas que neles buscavam conhecimento, se contrapondo a citação que o autor Freire (2011) menciona em seu livro que.

(...) O operário precisava incentivar a partir do próprio trabalho, a sua cidadania, que não se constrói apenas com sua eficácia técnica, mas também

²¹ Após o termino do curso do Magistério os futuros docentes recebiam um documento que comprovava o título de professor, este documento era denominado de diploma.

com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar à outra menos injusta e mais humana. (FREIRE, 2011; 100).

No entanto, a ideia do Padre e dos moradores que lutaram pela construção das escolas e autorização dos cursos, era recriar uma sociedade onde o povo pudesse ser ouvido através de suas lutas e demonstra que só o letramento poderia mudar a condição social de um povo. Deste modo a justiça ou a injustiça da sociedade poderia ser entendida como modo “inapropriado” de se educar. E nos leva a entender com a pesquisa que os cursos implantados na cidade onde foram realizados os estudos apresentavam meios para libertar e abrir caminhos para que as pessoas não precisasse ser só técnica e lutassem por seus ideais.

Sendo assim, a escola é continuidade na definição daquilo que as pessoas fazem e passam de geração em geração, seguindo uma periodicidade. A escola se faz presente todos os dias durante o ano todo, todos os anos, elas sofrem modificações na estrutura física, no quadro de funcionários e materiais didáticos, deste modo às escolas podem e devem variar o conteúdo ocasionando a atualização a cada ano.

No entanto, as escolas foram inventadas na cidade de Serra Branca para instruir os alunos tanto na zona urbana quanto na zona rural, proporcionando a oportunidade de se aprimorarem para o mercado de trabalho. Foi essa ideia que nos fez tentar reconstituir a história da educação em Serra Branca, observando seus elementos, suas lutas e conquistas, mais sobre tudo a concepção de educação para os serra-branquenses

1.2-Os Primeiros Educadores

O Cônego João Marques Pereira chegou à cidade de Serra Branca no ano de 1942 e se deparou com um lugar onde faltava o básico para suprir as necessidades intelectuais dos moradores. O básico a que ele se referia era a ausência total das escolas o que impedia às crianças de estudar e no caso das famílias menos abastadas a carência de escolas era visto um obstáculo que impossibilitava os garotos (as) e os jovens de estudar e qualificar-se profissionalmente.

Ao utilizar a colocação *suprir* tivemos o intuito de demonstrar que os habitantes do município pesquisado só tiveram a oportunidade de estudar na própria cidade após a chegada do Cônego a Serra Branca.

Até aquele momento só as famílias ricas podiam manter os filhos nas escolas já que as mesmas eram particulares. Então os pais enviavam os filhos para os Institutos Educacionais²² que funcionava como internato e na maioria das vezes as famílias mandavam as meninas para os conventos com o objetivo de educa-las na fé, para o matrimônio, aprender a ler e escrever ou estudar para ser freira. Naquela época até nas escolas cristãs os pais deveriam arcar com as despesas pessoais dos alunos (as).

Ao chegar a uma cidade e se deparar com uma realidade oposta ao seu ponto de vista, o religioso resolveu iniciar uma luta para que a educação passasse ser privilégio de todos e não de uma minoria. A princípio ele conseguiu fazer com que os moradores da cidade ampliassem a visão sobre o campo educacional. Pois.

(...) a educação é uma forma ampla significa lutar contra a dicotomia das etapas entre o pensar e o fazer, uma vez que todos os sujeitos, adultos ou crianças, são capazes de construir um saber sobre uma atitude, identificar problemas e resolvê-los, dominando assim a apreensão da realidade (...). (CAMPOS, 2009; 50).

De acordo com os preceitos intelectuais e religiosos do Padre a população só se desenvolveria quando houvesse escolas na região com profissionais habilitados para lecionar, desde a alfabetização até cursos que capacitasse para o mercado de trabalho. E dentro deste contexto ele não mediu esforços para conseguir construir um prédio onde pudesse implantar uma escola no município que atendesse a todas as necessidades dos moradores na época.

Com a construção da escola, alguns cursos foram ofertados na cidade, estes cursos deveriam ser destinados para atender moças e rapazes: entretanto, as mulheres aprendiam nos cursos profissionalizantes um ofício além ler e escrever, ambos os cursos visavam uma capacitação profissional e intelectual com o objetivo de dar oportunidade igual a todos, mas depois de formadas as mulheres não precisavam afastar-se dos seus lares para trabalhar e ajudar os maridos também financeiramente. Já os homens estudavam com o objetivo de aumentar a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho. Para o Padre não bastava cumprir com as obrigações religiosas porque ele acreditava o seguinte.

(...) Que era uma missão evangelizadora fundar uma Escola onde pudesse oferecer uma melhor educação às crianças e aos jovens da região, devido à

²² De acordo com os entrevistados, os institutos os quais os moradores de Serra Branca enviavam seus filhos para estudar estavam localizados nos municípios de Areia e Capina Grande

carência não só de escolas mais de professores também na cidade de Serra Branca (...). (SOUZA) ²³.

Essa citação é um trecho retirado de um depoimento da professora Estelita Antonino, ela lembrou que o Cônego acreditava ser seu dever lutar para implantar a educação na região a qual ele foi incumbido para ser representante religioso, deste modo ele saiu à procura do apoio dos moradores, principais beneficiados, os quais podiam contribuir com trabalho e dedicação cuidando das obras educativas e lecionando nas salas improvisadas. No entanto, toda ajuda era bem vinda para viabilizar a realização de um projeto ambicioso para a época.

Com muita luta os projetos começaram a se concretizar, as escolas passaram a ter espaço físico e foram construídos dois educandários por intermédio do Cônego, são os seguintes: Escola Profissional Pio XII²⁴ e o Colégio Comercial Wamberto Torreão. A primeira foi instalada na casa paroquial, conhecido também por salão paroquial até mudar-se para um prédio próprio e depois para o Colégio e a segunda foi construída com dependências mais amplas²⁵.

Mesmo após a construção do novo prédio os servidores das Escolas Profissional Pio XII e Colégio Comercial Wamberto Torreão continuaram trabalhando em regime de semi- voluntariado. Usamos esta palavra devido os honorários dos docentes não serem pagos mensalmente, este fato ocorria porque as escolas em questão funcionavam com doações, bolsas estudantis e algumas mensalidades, no entanto os recursos financeiros eram insuficientes para arcar com as despesas das próprias instituições de ensino em discursão. Durante os anos em que o Cônego se responsabilizou pela organização educacional do município, alguns educadores não eram remunerados, mas estas pessoas concordavam em desfrutar de alguns benefícios ofertados pelo pároco em forma de agradecimento pelo trabalho prestado à comunidade. Observe o que diz o relato:

(...) Para incentivar e cativar as pessoas que mesmo sem ser habitado para ensinar se prontificavam a ir para uma sala de aula lecionar as crianças e os jovens que buscavam conhecimento. Ele custeava as despesas para garantir que estas pessoas permaneceriam dando as aulas (...) ²⁶.

²³ A autora do depoimento não enumerou as páginas do mesmo.

²⁴ Esta escola recebeu o nome de "Escola Profissional Pio XII" em homenagem ao Papa Pio XII. Este Papa Nasceu com o nome de Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi proclamado Papa e escolheu este nome por suceder o Papa Pio XI. Seu papado teve início em 1939 e terminou com sua morte em 1958.

²⁵ A nova escola foi construída com alguns problemas voltados para a acessibilidade devido à altura das calçadas.

²⁶ Idem a nota 3.

O relato oral descreve as dificuldades de manter as aulas devido à falta de educadores. Pois, aquelas pessoas que moravam em outro município e se deslocavam para Serra Branca recebiam apoio do “idealizador educacional”. O Padre arcava com os custos das passagens, alimentação, estadia e hospedagem. Já os docentes que habitavam na cidade auferiam de apoio locomotor para ir e vir da escola. (SOUZA, 2012). Porém, em forma de retribuição aos trabalhos prestados pelos docentes o pároco ofertava festas em datas especiais como o dia do Mestre.

Em 1969 foi um ano marcado por profundos pesares e dificuldades devido ao falecimento do Cônego²⁷, pois o mesmo deixou um legado muito importante para a educação local. Posteriormente ao falecimento do Padre, a situação econômica do Colégio Comercial Wamberto Torreão ficou quase que insustentável, aja vista que, a Fundação Padre Ibiapina²⁸, a qual auxiliou na manutenção do Colégio e permaneceu enviando doações ao longo dos anos para ajudar a manter o educandário funcionando, resolveu bloquear qualquer tipo de ajuda direcionada a esta escola. Como se não bastasse, a Fundação decidiu questionar a divisão dos lucros da Escola e sem que houvesse como fazer o repasse exigido, o Colégio passou a contar com bolsas estudantis. De acordo com a professora Edite Antonino era “competência do poder político estadual, mais precisamente dos deputados, obter e repassar estas bolsas para os estudantes”.

Enquanto a cidade respirava educação e buscava incentivo para os profissionais, estava ao mesmo tempo tentando se sobressair da dependência econômica e política do Município de São João do Cariri²⁹, e depois de várias tentativas conseguiu a emancipação política. No entanto, o município de Serra Branca, após a emancipação, se tornou uma cidade típica do interior da Paraíba, mantendo as características rurais, com ruas sem calçamento e o principal meio de transporte ainda era cavalos, burros, jumentos e carroças puxadas por tração animal (bois e cavalos), além de alguns carros.

²⁷ De acordo com os entrevistados o Conego João Marques Pereira faleceu no dia 07 de julho de 1969, foi vítima de uma úlcera que rompeu (estrangulou) aos 57 anos de idade. O velório foi acompanhado com grande comoção por toda população. O Padre foi sepultado em um túmulo construído ao lado da Igreja onde ele dedicou 27 anos de sacerdócio e obras voltadas para educação local.

²⁸ F.P. I. (Fundação Padre Ibiapina) era a fundação detentora das obras do Padre Ibiapina, estas obras tinham como objetivo a prestação de serviços sociais e diocesanos em diversos municípios, dentre eles: o auxílio na construção e manutenção das Escolas Profissionais, dos Ginásios, das Escolas normais e de Cinemas com rendas revertidas para obras sociais.

²⁹ São João do Cariri é um Município brasileiro do Estado da Paraíba. Localiza-se na microrregião do Cariri Ocidental e na mesorregião da Borborema. Segundo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em 4.344 habitantes. E possuía uma área territorial de 702 km². Esta localizada a 216 km de distância da capital, João Pessoa.

Serra Branca se tornou uma cidade modesta, mas como em toda cidade interiorana havia uma igreja e uma pracinha localizada na parte central e privilegiada do lugar. Observe abaixo a foto ilustrando o ambiente o qual esta sendo descrito.

Ilustração da Igreja de Serra Branca, no ano de 1965.



FOTO 3- Acervo pessoal do Fotografo José Heleno de Sousa.

nesse ambiente espacoso e calmo que a população se encontrava para conversar aos domingos ou depois das missas. E com o passar do tempo a praça se tornou o principal ponto de socialização e distração de todos os serra-branquenses.

Ao observar como a população estava aproveitando a frente da igreja, o Padre pensou em tornaras imediações da matriz em um ambiente de entretenimento. A partir desta ideia o pároco resolveu utilizar este espaço para abrir um cinema, que iremos nos aprofundar mais adiante. Deste modo, a educação da cidade ganharia um incentivo extra financeiramente falando

Porém, a educação de Serra Branca estava sendo implantada em um período em que o País estava saindo de uma guerra³⁰ e adentrando em um processo tecnológico para o qual o Brasil não estava preparado, devido à ausência de investimento em cursos voltados para a capacitação tecnológica. Visto que, houve uma necessidade imediata de mesclar educação e capacitação de mão-de-obra para que os operários pudessem

³⁰ A guerra em questão seria a 2ª Guerra Mundial que teve inicio em 1939 e terminou em 1945.

ingressar em um mercado de trabalho muito competitivo para a época. E isso é possível notar no trecho a seguir da obra de Marques:

(...) Qualificar mão de obra era favorecer ao mercado de trabalho, pelo desenvolvimento que a educação propiciava ao preparar os trabalhadores para os meios de produção e para os novos processos tecnológicos. Esta necessidade também se fazia oportuna ao Estado, pela contribuição econômica da educação, que era tida como fator fundamental para as metas de desenvolvimento. (...). (MARQUES, 2011; 4-5).

A citação descreve a importância da educação neste período, tanto para o País quanto para o Estado. Portanto, a sociedade utilizava a expressão “educar para trabalhar”, a educação de Serra Branca também se enquadrava neste contexto e possuía funções políticas, desenvolvimentista, econômica e religiosa. As três primeiras funções estavam interligadas, uma vez que só era possível consolidar o desenvolvimento econômico do lugar se os políticos participassem das lutas junto com o povo. Entretanto, a função política em discursão faz alusão a duas vertentes: A primeira faz referência à preocupação do País, Estados e Municípios em contribuir economicamente com a implantação e funcionamento dos núcleos educativos, mas esse funcionamento não dependia apenas dos representantes políticos, contavam com o apoio popular e com a necessidade de aumentar o contingente de trabalhadores.

Já a segunda vertente nos remete ao período militar, a partir da década de 1960, este período apresentou um caráter antidemocrático e os professores e alunos sofreram com as perseguições. Entretanto, foi elaborado um Decreto de lei nº 477 que tinha como objetivo silenciar os docentes e os discentes, pois em todo País a UNE³¹ lutava contra este tipo de perseguição. No município de Serra Branca há registro da existência da UNE, mais não de sua atuação, de acordo com as anotações feitas pelo Pároco a UNE fazia apenas mobilização apoiada pelo representante católico da localidade. A União Nacional dos Estudantes de Serra Branca patrocinava ou organizava, de forma explícita apenas os festejos em datas comemorativas como no dia das mães, das crianças, semana da cultura e natal. O início dessas programações contava com evento litúrgico e depois as pessoas se entregavam as comemorações ditas hoje profanas, com músicas não religiosas, brincadeiras para as crianças. Deste modo, o Padre fazia questão de descrever no *Livro de Tombo* como as programações seriam realizadas.

³¹ UNE significa União Nacional dos Estudantes.

(...) O programa foi preenchido com diversos atos litúrgicos e sociais, como sejam: missas cantadas, dialogadas, palestras e celebração do natal das crianças toda festividade foi patrocinada pela União Estudantil Serra-branquense, como tendo em tudo com a dedicação e valorosa cooperação dos seminaristas.³²

Os brasileiros estavam passando por um período de grande turbulência para os intelectuais, só que as dificuldades enfrentadas pela população das cidades mais desenvolvidas não afetaram diretamente os populares e os intelectuais locais ou a situação poderia ser ocultada pelo Padre.

A partir do ano de 1970, houve uma “expansão” da educação no Brasil e foram criadas várias alianças, dentre elas: *O Concelho de Educação, Realização do I Encontro Nacional de Educação Pre- Escolar dos Sistemas de Ensino*, que serviram como facilitadores durante a ampliação do aprendizado no País. No caso de Serra Branca a presença religiosa foi responsável pela interação entre as camadas sociais, o que possibilitou a implantação de escolas voltadas para os cursos primário, comercial e profissionalizante.

As mudanças que o País estava passando não alteraram a condição financeira dos educadores e nem a melhoraram os educandários, no entanto a complicada situação se manteve por muitos anos, uma vez que as remunerações dos funcionários passaram a variar de acordo com o curso que lecionavam. O valor da aula alterava dependendo do grau de escolaridade o qual o professor estava habilitado ou habituado a ensinar, como mostra a citação a seguir

(...) De acordo com a situação de dificuldade em que se encontrava o educandário, fica determinado uma taxa para o curso colegial Ncr\$ 2,00 a aula para o ginasial e Ncr\$ 1,70, até que o Estado decida oferecer uma ajuda para melhor remuneração. (SOUZA, 2008; 17).

Souza confirma em seu livro o que a Professora Edite nos falou durante a entrevista, quando discorremos a respeito das remunerações. Então ela pensou e nos disse o seguinte.

Só tivemos um salário fixo após a estadualização do Colégio, antes recebiam os quando sobrava das despesas com a manutenção das salas de aulas e da escola como um todo, ai sim recebíamos algum dinheiro. Entre tanto, os professores que não eram amigos pessoais do padre recebiam primeiro, pois ele contava com o apoio e a comprecção dos amigos. Então, nós que fazíamos parte do grupo de amigos pessoais do Pároco ficavam os sem

³² Descrição realizada pelo Padre João Marques Pereira no livro de tombo no dia 24 de Dezembro de 1959, p. 27.

salários durante meses e quando recebíamos era em meses alternados ou nem recebíamos³³.

Com toda dificuldade salarial a professora acolheu o convite para trabalhar e nos descreve como se deu o convite.

(...) O cônego me convidou para começar ensinando as disciplinas de português e matemática, as quais eu mais me identificava, logo após eu ter concluído o curso Ginásial, no Colégio das Lourdinhas na cidade de Monteiro. Eu trabalhei com estas disciplinas até surgir a necessidade de se contratar um professor para lecionar Geografia. Novamente fui convidada, mas, eu achava a Geografia uma matéria muito difícil, então ele (Padre) conseguiu um curso intensivo de formação na área para mim na Cidade de João Pessoa. Depois do curso eu fiquei com a disciplina até o padre convidar outra pessoa para me substituir. Mesmo com toda essa trajetória não podíamos contar com uma recompensa financeira e quando ele nos pagava, o pagamento era considerado uma gratificação, e assim essa situação permaneceu até o colégio ser estadualizado no ano de 1975³⁴.

Antes do ano de 1975 era comum a prática do trabalho não remunerado nas escolas, visto que as pessoas as quais recebiam o convite para trabalhar já tinham consciência das dificuldades financeiras enfrentadas tanto pelas escolas quanto pelos alunos, que na maioria das vezes vinham de famílias pobres e não podiam pagar as mensalidades.

A professora Edite Antonino que trabalhou no Colégio até se aposentar e passou por diversos problemas, dentre eles a falta de salário o qual ela se referiu várias vezes durante a entrevista, mas ela não reclamava e disse que não foi motivo para ela desistir da profissão, porque seguiu a mesma “ensinava com amor”.

Conforme as pessoas, com idade de aproximadamente 70 a 80 anos, as quais conviveram e participaram de todo processo de implantação e construção das escolas do Município, relatam que o Cônego chamava a todos aqueles que ele achava capacitado para lecionar, mesmo que estas pessoas não tivessem curso de licenciatura ou nunca tivesse ensinado como mostra na descrição oral. Durante a entrevista, a professora Estelita Antonino falou que:

(...) ele me convidou logo que terminei o curso ginásial no colégio das freiras na cidade de Arcia para eu ensinar da alfabetização até a quarta série, e assim ele ia convidando as pessoas que se dispunha a ensinar as disciplinas que

³³ Em entrevista concedida a autora pela Professora Edite Antonino de Assis Souza, no dia 17 de abril de 2012, ela que foi e vice-diretora no Colégio Comercial Wamberto Torreão e depois que Padre Marques faleceu ela o sucedeu.

³⁴ Idem a citação 33.

tinha mais facilidade. Convidava médicos, engenheiros e até o juiz da cidade (...)³⁵.

A professora hoje tem cerca de 80 anos e já está aposentada. Ela nos relatou como os educadores eram escolhidos e quem se responsabilizava pela escolha, já que não havia seleção devido à inexistência de professores formados na região. Portanto, todas as articulações relacionadas a escola deveria ter o aval do Padre e com a escolha dos docentes não poderia ser diferente.

O padre Marques deu início ao embasamento educacional da cidade de Serra Branca, que serviu como alicerce para erguer outras escolas por pessoas que idealizaram os seguintes educandários: a Escola Conego João Marques Pereira, Grupo Escolar Vasconcelos Brandão e os grupos da zona rural.

O período correspondente ao ano de 1969 foi marcado pela construção de diversos grupos escolares na zona urbana e na zona rural. Descobrimos os locais em que estes grupos foram implantados através de documentos encontrados nos arquivos do *Grupo Escolar Vasconcelos Brandão*, eles nos revela as diversas dificuldades enfrentadas pelos educadores da zona rural bem como os da zona urbana, o quadro de funcionários, os materiais didáticos e o estado físico dos grupos.

Foi pensando no aumento desses grupos e nas dificuldades de acesso as escolas que Pimentel discorre em seu artigo, que a educação rural surgiu como iniciativas particulares e das comunidades, não institucionalizada pelo estado. Deste modo, os alunos dos sítios não deviam mais se dirigir a cidade para estudar além de poder associar trabalho e educação. Naquele período, o Estado introduziu educandários nas zonas rurais dando a chance dos jovens que residiam nos lugares mais afastados de estudarem.

Nesse mesmo período, Serra Branca tentava conseguir meios para manter os jovens nas escolas, visto que o maior contingente populacional do município se encontrava nos sítios e fazendas. Então, essa migração provocava uma constante evasão escolar durante o período chuvoso, pois os alunos eram coagidos a faltar devido às

³⁵ Entrevista concedida a autora no dia 27 de março de 2012 pela professora Estelita Antonino, uma das primeiras pessoas a ser convidadas pelo Padre para lecionar no município, ensinou nas dependências da Igreja, na Escola Profissional Pio XII e no Grupo Escolar Vasconcelos Brandão.

enchentes nos rios³⁶ que inviabilizava a travessia e costume das famílias de colocar as crianças para ajudar os pais durante o plantio e a coleta da lavoura.

Os problemas começaram a amenizar por volta de 1975, quando as escolas passaram a receber apoio federal, estadual e municipal. Deste modo, os educadores (as) passaram a receber um salário “mais digno” para a época, como está descrito no ofício circular endereçado ao prefeito.

(...) Não se trata de transferir para a União a responsabilidade do pagamento dos professores em regência de classe na zona rural. Trata-se, isto sim, de auxiliar financeiramente as Prefeituras oferecendo-lhes recursos para criar seu quadro pessoal do magistério e remunerar mais condignamente os seus professores. (...) Esclarecendo que o Projeto somente oferecera gratificação a professores que estejam em exercício na zona rural por um período não inferior a um ano. (...).³⁷

Em 1980 ainda havia o empasse sobre quem deveria arcar com as despesas do corpo docente dos grupos escolares na Zona Rural e só tinha direito a gratificação aqueles funcionários que se enquadrassem às normas impostas, dentre elas: o funcionário deveria estar na ativa a mais de um ano. Todos os obstáculos enfrentados pelos precursores da educação serviram para incentivar as pessoas envolvidas e assim ampliar o ideal de que a educação deveria ser um direito de todos independente da classe social em que se enquadravam, ricos ou pobres. E toda população tanto do meio rural quanto urbano passariam a ter livre acesso a escola.

1.3- As Formas de Reprimir

Havia castigos sim, mas só o Padre podia disciplinar os alunos porque ele era a autoridade religiosa da cidade e também gestor da escola, então os alunos obedeciam mais a ele do que aos próprios professores. Ele também não permitia que outras pessoas o fizessem (...). Algumas vezes a palmatoria era usada para repreender as crianças.³⁸

(...) Sim, havia aqueles meninos difíceis de lidar então o Padre resolvia e ninguém dizia nada, pois o Padre podia tudo afinal ninguém era educado para contestar as decisões alheias principalmente se estas decisões fossem

³⁶ Dentre vários rios pequenos chamados popularmente de riacho, o rio Porção se destacava mesmo sendo temporário. Pós, foi as margens desse rio que Serra branca surgiu. Dado seu tamanho as pessoas que residiam a suas margens ficavam impossibilitados de passarem para ir à escola.

³⁷ Ofício circular nº 19/80 enviado da Secretaria de Educação do Estado para a prefeitura municipal de Serra Branca no dia nove (09) de março de 1980.

³⁸ Idem a nota 35.

tomadas por um religioso como um padre, as pessoas não o enfrentavam apenas o respeitavam (...).³⁹

Os castigos existiam, agente ficava de joelhos, recebia puxão de orelhas, apanhava com a palmatoria, ela era redonda de taboa, a minha professora também batia. Mais o Padre queria bem agente e nas comemorações como no dia 7 de setembro após o desfile ele fazia bolo com a bandeira do Brasil e servia no lanche pra gente.⁴⁰

Os relatos feitos se referem às formas de castigos aplicados nas salas de aulas, as crianças não aceitassem seguir as regras impostas pelos(as) professores(as) ou pela direção. O primeiro depoimento faz menção às palavras de uma professora que presenciou algumas ocorrências de castigos físicos contra os alunos dentro da escola, o segundo depoimento foi à descrição concedida pela cuidadora do cinema, elas demonstraram que havia “castigos” ou “repreensões” contra os estudantes. Naquele tempo, o uso dos castigos físicos servia para evitar que os alunos errassem, ou mais do que isso eles não deveriam permanecer no erro, além de servir de exemplo para os demais. E o último depoimento consiste em lembranças de uma aluna que sofreu com os castigos dentro da escola, ela relata quais eram as formas de repreensão e contradiz o primeiro depoimento dizendo que a professora dela também tinha autonomia para castiga-los.

O gestor das escolas era incumbido de punir os estudantes, às vezes ele utilizava instrumentos como a palmatória⁴¹, mas a professora Estelita Antonino de Sousa nos disse em seu depoimento “que o padre não consentia os professores de cometer qualquer ato de violência contra a integridade física ou moral de seus alunos”. Ao mesmo tempo em que o Padre reprimia ele era respeitado, pois suas ações eram vistas como um modo de educar as crianças. Dias (2006) expõe que o uso da palmatoria era o reflexo do mau comportamento do aluno dentro da escola.

Se algum estudante chegasse a sua residência com algum vestígio de castigo seus responsáveis se deparavam com algo de errado que havia acontecido, e expõe ainda no artigo que os pais não se manifestavam porque eram acostumados com essa forma de educar. Mas em Serra Branca os castigos não se resumiam apenas ao uso da palmatoria,

³⁹Entrevista concedida a autora no dia 17 de abril de 2012 por Margarida Antonino da Silva.

⁴⁰Entrevista concedida a autora no dia 19 de junho de 2012 por Maria Valério da Silva (Cece) ex-aluna da Escola Profissional Pio XII e atual secretária da Paróquia de Serra Branca.

⁴¹ É uma peça circular de madeira também conhecida por fécula, provida de um cabo, com a qual se castigavam crianças batendo-lhes com ela na palma da mão.

dentro das escolas eram usados outros artifícios como: colocavam de joelhos e puxavam as orelhas, para reprimir as crianças e evitar que ocorressem conflitos no interior das salas de aulas.

Porém, dentre outras questões percebemos durante as pesquisas e entrevistas realizadas que os pais se calavam por dois motivos. O primeiro seria o silêncio dos filhos os quais tinham medo de contar aos pais sobre os castigos sofridos. Como relata a secretária da casa paroquial Maria Valério durante a entrevista, “eu não contava aos meus pais sobre os castigos por medo de ser repreendida novamente em casa”. E o segundo motivo se baseia no respeito às pessoas de mais idade (mais velhas), ou seja, os avôs, pais, mães, tios, e todos os funcionários da escola. Deste modo, os pais foram educados e buscavam educar seus filhos e a partir deste princípio dentro da escola. Os professores e o padre como gestor e religioso mereciam o respeito dos estudantes e deveriam puni-los caso se sentissem desrespeitados e toda decisão seria acatada pelos pais. A punição a qual os meninos (as) foram submetidos poderia dificultar o convívio social, mas, os responsáveis pelos garotos não permitiam diálogo entre adultos e crianças como forma de respeito, essa separação também poderia ser para manter as crianças alheias aos problemas familiares e sociais.

Neste período não bastava aprender a ler e escrever era importante também aprender a se comportar diante das pessoas tratando-as sempre com respeito e obediência.

Durante a pesquisa não foi possível precisar as frequências com que os castigos aconteceram e os entrevistados também não conseguiram precisar ao certo a quantidade dos castigos alegando lapso de memória, para tanto eles tinham a finalidade de demonstrar as crianças que elas deviam obediência aos adultos. Mas todas as narrativas tentavam justificar as punições alegando que as mesmas só ocorriam porque os professores gostavam das crianças e por isto lhes castigavam para evitar um sofrimento maior no futuro se resolvessem continuar cometendo o mesmo “erro”.

Tal erro citado anteriormente pelos entrevistados faz alusão a ocorrências dentro das salas de aulas. Os alunos que não respondesse a tarefa de casa, não copiasse a tarefa ou demorasse a copia-la em sala ou ainda respondesse o professor, era penalizado de diversas formas, dentre elas: puxões de orelhas, e palmadas com a palmatoria. Os discentes amedrontados faziam o que seus educadores mandassem por medo e não por obediência.

1.4- Cine- Educativo

Ilustração do cinema de Serra Branca, no ano de 1966.



FOTO 2 – Acervo Fotográfico do Fotógrafo José Heleno de Sousa.

Em 10 de julho de 1966, após a inauguração do Colégio Comercial Wamberto Torreão, o espaço que funcionava como centro educacional foi desativado, devido à transferência das turmas para o Colégio, no entanto o Cônego sentiu a necessidade de ocupar o recinto, divertir os moradores da cidade e ao mesmo tempo amparando as pessoas carentes que precisavam ~~estudar~~.

Já que em Serra Branca não havia eventos sociais com frequência, pois as festas existentes eram todas anuais e ocorriam no mês de junho, no qual se comemorava o São João, dançando muito forró em uma festa organizada pelo Padre para divertir os jovens; no mês de setembro mais precisamente no dia 7 ocorria a comemoração cívica com desfile e em seguida o evento culminava com uma “festinha e distribuição de lanche para os alunos” e por fim a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição que era celebrada no dia 08 de dezembro, este evento religioso era comemorado com pavilhão, quermesse, missa e encerrava com a procissão.

O Cônego conversou com o amigo e seminarista Leidsom da Silva⁴² ambos tiveram a ideia de implantar um cinema na cidade. Como já conheciam a Fundação Padre Ibiapina e o trabalho que eles desenvolviam com este tipo de empreendimento, resolveram equipar o prédio com bancos para os telespectadores se acomodarem e

⁴² Ele era comerciante na cidade, sacristão da Igreja e esposo da dona Margarida que concedeu entrevista à autora. Leidsom se tornou vereador e seu trabalho foi reconhecido e em sua homenagem a Câmara Municipal recebeu o seu nome.

compraram uma maquina de 16 mm que passava filmes em preto e branco, locaram alguns filmes e realizaram a inauguração do cinema cujo nome seria *cine-educativo*. Todo material fora custeado com recursos da própria Igreja, de acordo com a descrição deixada pelo Pároco.

No dia 10 de julho de 1966 foi inaugurado o cine- educativo de Serra Branca, localizado no salão da Escola Profissional Pio XII, um empreendimento da Paroquia com o fim de ajudar as obras sociais (...). (DESCRIÇÃO DO PADRE NO LIVRO DE TOMBO, P, 87).

Além das obras sociais o Pároco almejava a criação de um lugar que pudesse aguçar a curiosidade das famílias, deste modo elas iriam se divertir obedecendo à faixa etária de cada um. Pois, conforme as lembranças da Dona Margarida “os filmes estrangeiros e os infantis eram os mais disputados, com seções repetidas e bilheteria sempre esgotada” mais os nacionais também eram bem aceitos. A nova iniciativa da paróquia teve uma grande aceitação por parte da população, que elegeu o cinema como à única opção de diversão para toda família durante os fins de semana.

Com o sucesso do projeto a maquina foi substituída por outra de 35 mm, considerada de última geração que passava filmes coloridos. Veja o que diz a senhora Maria Valério da Silva (Cece) durante a entrevista.

O cinema passou a ser a única diversão para gente na cidade, eu me lembro como se fosse hoje as seções. Agente sentava em uns bancos pretos e coletivos tipo de igreja, ficávamos bem juntinhos para caber todo mundo, o salão era bem grande mais frequentava muita gente. Os filmes eram bem diversificados tinha cômicos, trágicos, infantis, nacionais e estrangeiros, passava em um telão bem grande e agente ficava de boca aberta assistindo e admirando todo. Era muito bom.

Há, os filmes fazia agente chorar, rir, conhecíamos paisagens de outros países, enfim os risos tomava conta do salão. E quando os filmes passaram a ser coloridos ficou mais interessante e divertido. (...).

A descrição da senhora Maria Valério da Silva (Cece) nos faz voltar no tempo e imaginar o que acontecia no escurinho ou a meia luz do cinema, pois o padre ficava sob vigilância para ver o comportamento dos jovens e o que ocorria durante as exhibições dos filmes.

Com a inauguração de uma máquina mais moderna a população passou a desfrutar de uma nova tecnologia, que estava à disposição dos moradores que saiam de casa para se divertirem. A visão dos filmes melhorou porque as paisagens passaram a ter cor, as pessoas ficaram mais bonitas e a imaginação aflorou. Ainda segundo Maria Valério da Silva (Cece) “elas ficavam pensando como seria viver em outra região ou

país daqueles que passavam nos filmes”, os filmes influenciaram também nas músicas, modas e nas cores, o colorido dos telões entusiasmou os jovens que passaram a usar modelos diferentes e tentavam seguir a moda, pois sem os filmes toda essa modernidade demorava muito para chegar à cidade.

Conforme o conhecimento da professora Estelita as obras sociais citadas anteriormente estaria fazendo alusão à transformação dos lucros do cine- educativo em bolsas de estudos para manter alunos carentes na sala de aula, já que as escolas cobravam mensalidades para arcar com as despesas. Mas, mesmo com toda boa vontade do idealizador, dos colaboradores e a curiosidade aguçada dos espectadores o cine-educativo passou um curto período funcionado, pois.

(...) O cinema passou pouco tempo aberto, porque eram muito dispendiosas as locações dos filmes, aqui no Estado não havia locadoras e por este motivo eu ia de carro até Campina Grande e de lá pagava um ônibus para a cidade do Recife, encarecendo os ingressos que custava 1,50 moedas da época. E esta viagem se repetia toda semana e quando eu não podia ir para Recife ou iria só devolver os filmes eu pagava ao motorista do ônibus que fazia a linha Campina Recife para ele fazer a devolução (...), e com a chegada da televisão a procura no cinema reduziu.⁴³

Esse depoimento nos fez perceber que a distância era uma das principais dificuldades para manter os filmes atualizados, porém a acessibilidade aos meios de comunicação e o aumento do preço dos ingressos foram às causas principais do fechamento do cine-educativo.

1.5-Educação Rural e os Grupos Escolares

Os chamados grupos escolares da zona rural surgiram com dois objetivos: em primeiro lugar seria por em prática um projeto do Estado para incluir os moradores dos sítios no sistema educacional e, em segundo lugar, seria evitar que os trabalhadores rurais (os agricultores) se vissem sem oportunidade de proporcionar educação aos filhos e assim abandonassem suas terras e migrassem para os centros urbanos ou deixassem as crianças e os jovens analfabetos. Esta expansão foi muito significativa durante a década de 1960, visto que:

(...) a educação rural passou a ser adotado como estratégia do Estado para combater a migração dos camponeses do campo para a cidade. Paralelo a esta

⁴³ Informações concedidas à autora por Margarida Antonino da Silva em entrevista, ela que foi professora de corte costura, bordado e se encarregou de cuidar do cine-educativo.

ação o movimento de educação popular será responsável por uma visão diferenciada buscando a participação política dos sujeitos das camadas populares do campo e da cidade na elaboração de alternativas Pedagógicas (...). (PIMENTEL, 2010. P 37).

Do ponto de vista de Pimentel, a construção destes grupos foi uma estratégia para manter o homem do campo no campo. No município de Serra Branca, foi justamente neste período que os grupos conhecidos como Escola Elementar Rural Mista foram implantados. Eis, os sítios que foram contemplados com este tipo de escola, durante a década de 60: Serrinha, Ligeiro, Veloso, Sítios Currais Velhos, Fazenda Suçuarana, Sítio Boa Vista, Sítio Jacu no distrito do Sucuru e as Escolas Distritais de Sucuru, Santa Luzia e Coxixola além do Grupo Escolar no Bairro do Pilão e o Grupo Escolar Vasconcelos Bandão no centro da cidade.

Estes grupos funcionavam no turno da manhã no horário das sete horas as onze e meia (07 h 00 min às 11h 30 min), com uma única sala composta por alunos matriculados em turmas de primeira a quarta séries (tais séries hoje correspondem do segundo ao quinto ano do ensino fundamental menor). Os grupos divergiam quanto ao número de alunos, nos sítios o grupo do Sítio Ligeiro tinha o maior número de alunos matriculados contabilizando 111 e o grupo do Sítio Veloso tinha o menor número de alunos matriculados contabilizando 23, nos distritos o Grupo de Sucuru contabilizava 40 alunos matriculados e Coxixola 141 alunos matriculados. Já o Grupo Escolar Vasconcelos Brandão tinha aproximadamente 381 alunos e funcionava nos turnos da manhã e da tarde⁴⁴ e em alguns anos abria exceções com turmas no turno da noite.

Todos estes grupos funcionavam em prédios do Estado ou particulares que também poderiam ser alugados. No primeiro caso, as escolas foram construídas e mobiliadas com recurso do estado neste sentido o órgão público oferecia toda assistência à escola. No segundo caso as escolas eram instaladas nas residências dos professores ou em prédios alugados. Veja como se dava as instalações destes grupos.

A escola do Ligeiro funciona em um prédio de propriedade particular, muito pequeno e não servindo assim para acomodar o elevado número de crianças dessa área.

Quanto ao mobiliário, há escassez havendo apenas algumas carteiras e uma mesa.

Quanto ao material havia somente um mapa, um globo, um quadro negro improvisado e uma biblioteca.

⁴⁴ Todas estas informações foram retiradas do **Livro de Anotações Simetrias**, encontrado nos arquivos do Grupo Vasconcelos Brandão.

A escola de Coxixola funcionava em um prédio do Estado, o mesmo está bem conservado.

Quanto ao mobiliário há apenas carteiras e uma mesa para o professor. Quanto aos materiais há dois quadros, uma bandeira, dois mapas e uma biblioteca.⁴⁵

Ao observar as descrições a respeito do grupo do sítio Ligeiro e do distrito de Coxixola percebemos que tanto nos sítios quanto nos distritos as instalações eram basicamente as mesmas. Nas anotações encontradas nos Livros Semestrais podemos identificar a falta de materiais didáticos, de sanitários e de assentos tanto para os alunos quanto para os professores. Entretanto, os grupos funcionavam em um precário estado de conservação, e nas dependências particulares a situação era ainda mais precária. Pós, não havia água e nem sanitários impossibilitando os alunos de realizar suas necessidades fisiológicas.

Mas os problemas só acumulavam e as pessoas escolhidas para ensinar se viam obrigados a acomodar os estudantes de acordo com suas próprias condições em suas casas e, na maioria das vezes, todos se acomodavam em banquinhos de madeira colocados ao redor de uma mesa grande ou no chão. Para chegar à escola os educandos trilhavam por caminhos de difícil acesso e para encurtar a caminhada. Eles iam a cavalo, nos lombos dos burros, carroças e aqueles que moravam mais perto do grupo iam a pé.

Assim sendo, podemos salientar o *Inciso III do Artigo 4º da LDB* (Lei de Diretrizes e Base da Educação) do ano de 1960, o qual diz que é dever do Estado garantir educação para todos de forma igualitária, mas consta também na Constituição Federal que não bastava o Estado dar acessibilidade, ele deveria garantir a permanência deste estudante em sala de aula. E foi dentro deste contexto que se deu a implantação dos grupos escolares no Município de Serra Branca, eles foram distribuídos nos sítios citados anteriormente, nos distritos de Santa Luzia, Sucuru, Coxixola e no centro da cidade. Para Pinheiro esses grupos escolares implicaram o aperfeiçoamento e a sofisticação dos mecanismos de controle do estado sobre uma significativa parcela da sociedade, esse novo modelo de organização também propiciou melhoria na qualidade do ensino público no Brasil.

As dificuldades enfrentadas pelos professores da zona rural não estava presente só nas acomodações dos prédios, elas somavam-se a má remuneração, a diversidade

⁴⁵ - Idem a nota 44.

intelectual e o acúmulo de funções, de modo que havia apenas um único funcionário em cada educandário. No entanto, o Brasil foi contemplado com um modelo de educação denominada de multiseriado ainda durante o Período Colonial⁴⁶, este modelo de ensino visava à implantação de escolas com turma única e um único professor que lecionava de 1ª a 4ª séries e estes grupos foram implantados tanto no meio rural quanto no meio urbano, mas a princípio foram priorizados apenas no campo. É importante salientar que a aglomeração de crianças com diferentes níveis intelectuais em uma sala de aula não era escolha do professor era imposição do sistema. Neste período, eram atribuídas também ao educador outras obrigações como: fazer a merenda, servir aos alunos e zelar pela limpeza do grupo, ou do prédio onde trabalhava.

Contava no quadro de funcionários do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão um gestor, os demais grupos estavam vinculados a esta instituição, e a diretora deste Grupo era incumbida de receber e distribuir os objetos necessários para manter os grupos rurais em bom estado de funcionamento. Conforme a obra de Pinheiro foi preciso inserir no currículo escolar conteúdos específicos destinados a atender às necessidades tanto do meio rural como do urbano.

Naquele período, o caminho a ser percorrido para alcançar uma educação de boa qualidade, ainda era longo devido às diversas dificuldades enfrentadas para manter estas escolas funcionando. mas o primeiro passo já havia sido dado. Dentro daquele contexto destaca-se a imediata nota:

(...) a continuidade da educação representava uma dificuldade para os grupos sociais subalternos, localizados nas zonas rurais. O problema estrutural residia, obviamente, na questão da posse e do uso da terra. (...), impedia a fixação de homens/mulheres no campo e de crianças e adolescentes na escola. (PINHEIRO, 2002. P, 219).

A implantação destes grupos levou a uma suposta melhoria da educação visto que, oferecia oportunidade aos habitantes da zona rural de permanecerem trabalhando nos sítios e ter acesso à educação, esta junção seria utilizada para tentar reduzir a evasão escolar e o aumento da migração, mas poderia ou deveria funcionar como estímulo à

⁴⁶ De acordo com Pantel as turmas de multiseriado foram introduzidas no País durante o Período Colonial. Tal modelo de ensino fora ministrado pelos Jesuítas e inicialmente quem participou dessas escolas foram os nativos. Quando começou o povoamento dos portugueses para tomar posse e explorar as riquezas da nova terra essas escolas se expandiram nas fazendas e vilas. (...).

permanência das crianças e jovens no ambiente escolar sem alterar o modo de vida o qual estavam inseridos.

Mesmo após a suposta melhoria descrita por Pinheiro (2002) os funcionários dos Grupos escolares ainda não tinham função definida observe as anotações no quadro abaixo.

QUADRO DOS FUNCIONÁRIOS DO GRUPO VASCONCELOS BRANDÃO, NO ANO DE 1968.	
NOME DOS FONCIONÁRIOS	CARGOS
Maria do Socorro Moreira	Diretora
Jerusa Ferreira de Lima	Servente
Marieta Saraiva	Servente
Maria Salete Alves da Silva	Servente
Joana Mendes Araújo	Servente
Valdeci Brito da Silva	Servente
Camélia Nunes de Araújo	Servente

No quadro de funcionário dos grupos de Serra Branca havia apenas duas denominações para as funções dos empregados, os mesmos eram nomeados como servente e/ou diretor, não constava nessas anotações o registro da função do professoro que não anula a presença deste profissional nas escolas. Isso acontecia porque eles desempenhavam a função de educador mesmo sem seres habilitados. Devido à ausência de cursos de capacitação docente os funcionários eram desviados de suas funções para atender as necessidades do educandário.

Neste modelo só o (a) diretor (a) tinha responsabilidade definido (a) e suas funções eram registradas semestralmente. As anotações eram feitas da seguinte forma:

Cabe ao diretor controlar a disciplina do estabelecimento, junto aos serventes, cuidar e zelar pela conservação dos prédios, mobiliários e materiais existentes. Promover festividades escolares. Conservar em dia o serviço protocolar. Solicitar material e mobiliário quando necessário para o estabelecimento. Fazer reuniões frequentes com o corpo docente e servente para melhor controlar a boa ordem.⁴⁷

Ao analisarmos a anotação acima, percebemos que havia distinção entre professores e serventes, mas ambos não constavam no quadro de forma distinta. E percebemos também que cabia ao diretor acompanhar os planejamentos dos professores

⁴⁷ Arquivo do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão. Descrições retiradas do Livro de controle semestral.

e supervisionar as aulas para ter certeza que o conteúdo havia sido aplicado igual à proposta elaborada durante as reuniões.

Essas reuniões, sempre no início de cada ano, eram realizadas para discutir acerca da educação a nível nacional, estadual e municipal. Este espaço também simbolizava o momento em que os professores debatiam sobre o plano de aula e elaboravam o conteúdo programado para o primeiro semestre do corrente ano. Até chegar mais um encerramento semestral, outra reunião era realizada para discutir os pontos positivos e negativos do período que passou e apresentar outras propostas incluindo a substituição de professores, pois era corriqueiro arranjar outros professores para substituir aqueles que pediam demissão. Essa situação ocorria diversas vezes durante o ano.

Todas as escolas do município de Serra Branca surgiram a partir do ano de 1955 quando o Pároco liberou o salão que pertencia a matriz para transformar em sala de aula e iniciar o ano letivo. Ele também ficou encarregado pela organização, ampliação e gestão da Escola Profissional Pio XII e do Colégio Comercial Wamberto Torreão, mas foram construídos na cidade outros educandários com verbas do Estado, da União e do Município. É o que vamos abordar no próximo capítulo.

Capítulo II

As Primeiras Escolas

2.1- As salas de Aulas nas Dependências da Igreja

Esta forma de educar teve início durante o período da colonização. Pois Araújo Junqueira (2002) descreve em sua obra que a educação brasileira mesmo sendo implantada e ministrada sob o auspício dos jesuítas, esses religiosos “convenciam” as pessoas a frequentar as escolas e aprender também a religião católica, e com o decorrer dos anos a intelectualidade católica defendia o ensino religioso com o objetivo de restabelecer a harmonia católica na sociedade brasileira

Durante o processo educativo local, as pessoas foram incitadas e estimuladas a participar do novo modelo de ensino que estava sendo construído nesse município, visando dar oportunidade a todas as classes sociais sem distinção. Deste modo, o povo foi induzido a acatar o projeto e lutar junto com o padre pelo desenvolvimento educacional da localidade.

Contando com o apoio das pessoas que foram procuradas por ele, o Cônego conseguiu finalmente implantar a primeira escola instalando-a nas dependências da casa Paroquial, esta escola ficou conhecida popularmente por “A Escola do Padre” e tinha como finalidade atender a turmas em regime de multi-seriado, com um grau de escolaridade que ia de 1ª a 4ª série. A inauguração aconteceu no dia 16 de fevereiro de 1955, devido à luta e a persistência do Pároco João Marques Pereira e dos moradores da cidade.

O relato que segue nos permite conhecer como funcionava a instalação da instituição educativa cristã, por ter sido aberta temporariamente na igreja. Observe a descrição da Senhora Maria Valério da Silva (Cece):

O salão da igreja era bem grande equipado com umas carteiras pretas que tinha o assento e uma mesinha juntos onde agente botava o material da escola. A turma era bem grande de aproximadamente 30 a 35 alunos no meu tempo (na minha turma), juntando os meninos e as meninas, com turmas de todas as séries.

Nesse tempo agente começava a ir para escola com sete (7) anos de idade e estudávamos sempre com professoras, mais às vezes o Padre dava aula

agente, fazia a merenda que era um leite quente que ele recebia por meio de doação de uma ONG e nos servia pra gente em um copo de alumínio.⁴⁸

A imagem reforça o discurso e nos possibilita analisar como as aulas eram ministradas, na imagem o padre se encontra ensinando a uma turma dividida em duas partes: de um lado sentavam-se os meninos e no outro lado da sala sentavam-se as meninas, a instalação desta sala de aula era no salão da Igreja. (Observemos).

A imagem registra uma sala de aula e o Padre Marques de batina preta desempenhando a função de mestre, no ano de 1955.



FOTO 3- Acervo Fotográfico do Fotografo José Heleno de Sousa:

A ex-aluna descreveu como a escola era mobiliada e ao comparar o que ela nos disse durante a entrevista com a foto notamos que uma informação complementa a outra e ela ainda se lembrava do enorme salão, com muitas carteiras e um crucifixo na parede, além de alguns mapas e a constante falta de material, pois não havia nem um tipo de material sobre as carteiras ou de posse dos alunos e foi assim com muita dificuldade que a primeira Escola da Cidade de Serra Branca foi instalada. A escola do Padre passou a ser chamada de Escola Profissional Pio XII.

⁴⁸ Idem a nota 40.

2.2- A Escola Profissional Pio XII

Esta escola recebeu o nome de Escola Profissional Pio XII por ter sido construída com o objetivo de oferecer cursos de capacitação destinados a todos os jovens que se dispusessem a aprender uma profissão, mas havia uma distinção de cursos para homens e mulheres. Contudo, a oferta para as mulheres eram mais amplas, elas poderiam ingressar no curso de corte/costura, bordado e artesanato. Este último era conhecido por curso de economia domestica devido utilizar em seus trabalhos sobras de matérias de construção, meia calça desfiada e pedaços de arame. Para os homens só havia um curso disponível que era o curso de datilografia.

A intenção do organizador da escola seria mobilizar toda população estimulando-os a frequentar a escola, motivando na região o início de um longo processo de mudança baseado no aprendizado e no desenvolvimento intelectual dos jovens. Campos (2009) separou um dos capítulos de sua obra para refletir sobre a educação e o trabalho e defende que:

Pensar educação de forma ampla significa lutar contra a dicotomia das etapas entre o pensar e o fazer, uma vez que todos os sujeitos, adultos ou crianças, são capazes de construir um saber, uma atitude, identificar problemas e resolvê-los, dominando assim o processo de apreensão da realidade. (CAMPOS, 2009).

Deste modo, a prática educativa levou vários jovens a se interessarem pelos cursos ofertados visando à oportunidade se formar, mesmo no caso das mulheres que poderiam trabalhar e comercializar seus produtos sem sair de suas residências.

As mulheres se preferissem podiam matricular-se em mais de um curso. Na hora da formatura o que estabelecia a diferença entre os cursos era a roupa, mais precisamente a beca, que utilizava símbolos para identificar e distinguir o curso de cada formanda. Analisemos as características das becas nas fotos abaixo.

Fotos de Formatura dos cursos de corte/costura e bordado, no ano de 1958.

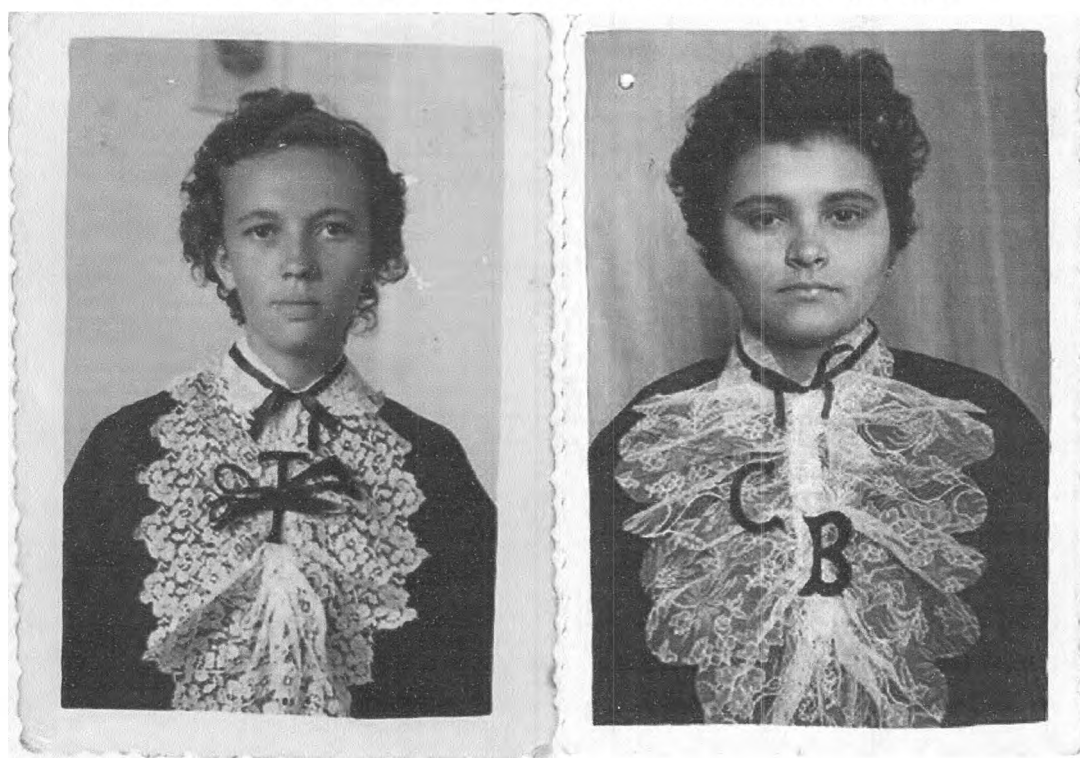


FOTO 4- Acervo pessoal da Margarida Antonino da Silva.

Na primeira imagem, a aluna estava usando uma beca ornada com uma *tesoura*. O uso deste instrumento na beca tinha como objetivo indicar aos convidados que a aluna estava concluindo o curso de corte costura.

Já na segunda imagem a aluna usava uma beca ornada com as seguintes letras *C.B.* estas letras tinha o objetivo de demonstrar aos convidados que participaram do baile de formatura que as formandas que trajavam esse modelo de beca estavam concluindo o Curso de bordado.

Mas se alguma aluna escolhesse estudar os dois cursos, o que era muito comum, durante a festa ela iria usar as duas becas e colava grau duas vezes. A professora do curso de corte costura era também a encarregada de confeccionar as becas. Dona Margarida que era a professora de corte e costura da turma, nos relatou que utilizava para costurar as becas fitas e tecidos pretos de cetim, renda branca e o material usado para fazer os símbolos também deveriam ser de cor preta para sobre sair na renda branca.

Após a festa de conclusão, as alunas do curso de economia doméstica⁹ com apoio do Padre realizavam um evento demonstrativo para que toda população local tivesse a oportunidade de conhecer seus trabalhos e estimular outras pessoas a participar dos cursos. Veja a seguir a programação descrita pelo Cônego João Marques Pereira.

Iniciando o corpo de trabalhos manuais realizado pela iniciativa do vigário desta paróquia, desde 12 de setembro do corrente ano, ministrado pela professora senhora Maria de Lourdes Sousa, as professoras da Escola Profissional Pio XI, que tiveram na conclusão no dia 23 de novembro, com a entrega de certificados e exposição de trabalhos confeccionados durante o tempo no salão da citada escola. Para esta solenidade organizou-se um programa sobre a direção da mesma professora, que contou de missa e comunhão geral dos concluintes (...). (LIVRO DE TOMBO, 1958, P, 9).

Esta programação é um misto de religiosidade e cerimônia protocolar que culminava com a entrega dos certificados. Entretanto o Padre fazia questão de frisar a sua participação na organização das festas religiosas e educativas da cidade de Serra Branca.

A seguir a imagem nos mostra as alunas no dia da exposição, esses trabalhos foram confeccionados durante o curso de Economia Doméstica, a foto foi tirada nas imediações da escola enquanto a turma esperava a abertura do evento e início da apresentação das peças.

⁹ Este curso tinha o objetivo de reaproveitar as sobras de material de construção, arames e meias-calça, além de utilizar utensílios de barro/cerâmica. Hoje, este curso poderia ou seria chamado de curso de reciclagem.

Turma do curso de Economia Domestica. A Prof.ª Mª de Lourdes e as alunas: Dalva, Socorro, Josefa, Nevinha, Mª de Lourdes Silva, Josefa Neponuceno e Creusa, no ano de 12/ 10/ 1956.



FOTO 7- Acervo pessoal da ex-aluna Josefa Neponuceno.

Com base nesta discussão buscamos selecionar uma imagem das peças confeccionadas durante o curso de economia doméstica, a apresentação e a exposição. Veja.

Exposição dos trabalhos de Economia Doméstica, no ano de 12/ 10/1956.



FOTO 6- Acervo pessoal de Margarida Antonino da Silva.

Estes trabalhos eram realizados utilizando vasos ou qualquer outro objeto de barro coberto com uma massa de construção e pedaços de cerâmica. A cerâmica poderia

ser utilizada de forma aleatória ou empregando a arte do mosaico para personalizar a peça, a particularização destas peças na hora da decoração ficava a critério das “alunas” ou dos fregueses. Já as flores foram confeccionadas para reaproveitar meias calças usadas pelas próprias alunas, como nessa época havia o costume das moças usarem este tipo de acessório, então existia um desperdício considerável. Foi aí que a professora Maria de Lourdes resolveu ensinar a moldar as meias em um arame bem fino formando pétalas, folhas e caule, transformando sobras em arte e em dinheiro.

Após o termino dos cursos as alunas conseguiam ganhar dinheiro costurando, ornamentando festas e as residências dos conhecidos. Quanto aos homens não encontramos descrições da existência dos cursos, da formatura e nem da colação de graus, os mesmos deveriam cursar datilografia⁵⁰.

Além, dos cursos profissionalizantes foram instalados nas dependências deste prédio o curso primário que havia sido legalizado pelo então Ministro Raul Leitão da Cunha, no ano de 1946 por meio do Decreto de lei nº 8.529 de 2 de janeiro do mesmo ano. O primário continuou nas acomodações da Escola Profissional Pio XII até o termino da construção do Colégio. O registro fotográfico serve para demonstrar como era a organização das classes nesta escola, independente da idade das crianças e de serie em que estudavam.

Turma da Escola Profissional Pio XII, no ano de 1956.



FOTO 8- Acervo pessoal da Margarida Antonino da Silva.

⁵⁰ Os alunos que cursaram datilografia aprendiam a escrever em uma máquina que se assemelhavam ao computador só que não dependia da energia elétrica, não imprimia utilizavam uma fita para carimbar a letra no papel.

A imagem demonstra como era organizada a sala de aula, com cadeiras enfileiradas, uma mesa para a professora colocar o material e um pequeno quadro onde deveria ser escrito as atividades para a turma. Pensando em oferecer mais comodidade tanto às crianças quanto aos professores o Padre fez inúmeras viagens em busca de subsídio financeiro para aumentar esta escola.

Porém, nem mesmo as dificuldades enfrentadas pelo Cônego para manter a escola funcionando o fizeram desistir do seu projeto, pelo contrário os obstáculos deram-lhe energia para continuar lutando em busca da implantação e ampliação das entidades educativas nesta cidade, mas mesmo após a inauguração dos novos educandários a luta não parou e os habitantes também foram responsável pela expansão da educação local, o mérito não foi só do Pároco. Imagens abaixo foram utilizadas para demonstra algumas das viagens realizadas pelo vigário as cidades do Rio de Janeiro⁵¹ e de Brasília⁵², ambas as visitas foram realizadas em busca de obter apoio de políticos e pessoas “influentes” da época, para continuar com a construção da Escola Profissional Pio XII.

⁵¹ No princípio as viagens do Padre João Marques Pereira tinha como destino a cidade do Rio de Janeiro devido esta cidade ter se tornado a segunda Capital do País. Portanto, nessa cidade se encontrava a maior concentração de políticos do Brasil e o Pároco recorria a estes representantes do povo para angariar recursos e assim dar continuidade as construções das escolas no município de Serra Branca.

⁵² As viagens do Cônego mudaram de roteiro após o ano 1960. Neste ano foi concluída a construção da cidade de Brasília, a mesma foi projetada e edificada com prédios modernos e monumentais e com aspectos políticos para receber aqueles que seriam os representantes eletivos do povo, são eles: os deputados, senadores e o presidente da república. Então, a nova cidade se tornou a terceira e última capital do Brasil e o novo destino do Padre João Marques Pereira.

O Padre estava vestindo batina preta, em reunião com amigos na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1959.



FOTO 9- Acervo pessoal de Margarida Antonino da Silva.

O Padre está no centro da imagem vestindo uma camisa branca e sem terno, em visita a Brasília, no ano de 1960.

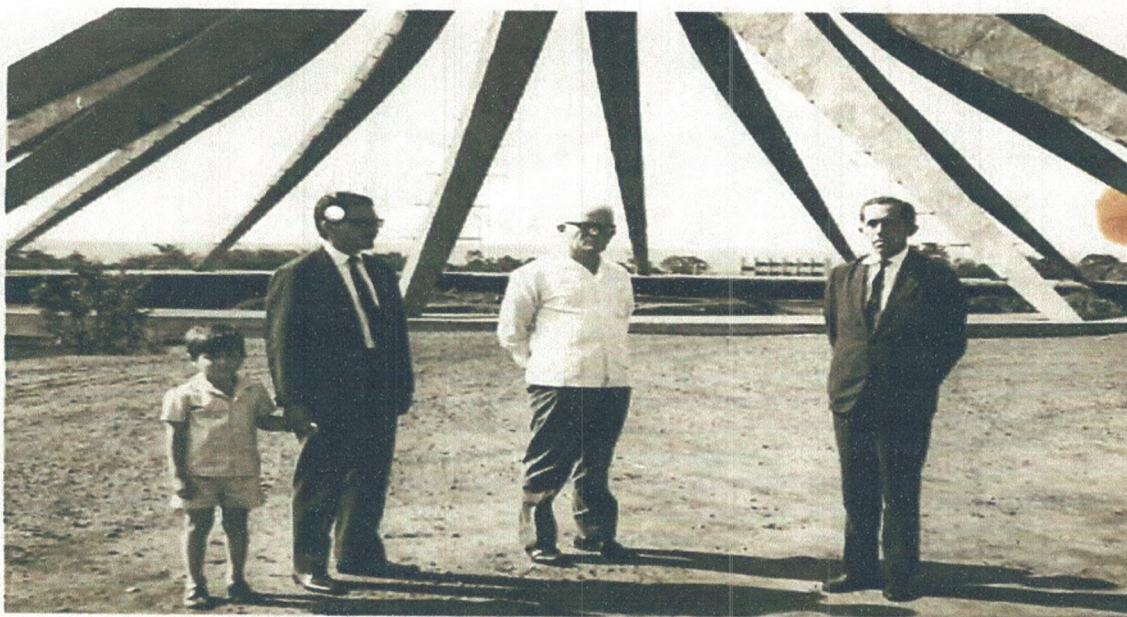


FOTO 10- Acervo pessoal de Margarida Antonino da Silva

Foi através das inúmeras viagens, realizadas para a capital do País na companhia de amigos, que o Cônego João Marques Pereira conseguiu erguer no dia 25 de janeiro de 1955 um salão onde funcionou a principio a primeira escola que foi construída sobre sua obstinação e influência, conseguindo atingir seu objetivo pessoal o qual seria oferecer educação de “qualidade” a “todos” os moradores não só dessa cidade, mas da

zona rural, dos distritos e também das cidades vizinhas, a exemplo das cidades de São José dos Cordeiros e São João do Cariri.

2.3-O Grupo Escola Vasconcelos Brandão

Durante a década de 1950, do século passado, quando a cidade de Serra Branca ainda era distrito pertencente ao Município de São João do Cariri, a procura dos pais para matricular seus filhos era maior que as vagas disponíveis nas escolas já existentes no Distrito. Isso porque as escolas ainda estavam se adaptando para poder receber todos os estudantes locais. Pensando na elevação do número de crianças com idade para ingressar na escola, descobre-se que havia menos vagas que alunos e considera-se esta defasagem como um obstáculo que iria impedir a continuidade do projeto educacional, o qual fora elaborado pelo Padre com o auxílio dos moradores, este projeto deveria garantir educação para todos os cidadãos, visto que a cidade ainda não oferecia educação igualitária para os moradores.

Entretanto, os serra-branquenses contaram com o apoio financeiro concedido pelo Estado e pela União. Nesse período o governo em exercício era Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo⁵³ e o Presidente em exercício era o General Gaspar Dutra⁵⁴. Nessa época a população de Serra Branca foi contemplada com mais um prédio ou mais um Grupo cujo espaço físico fora dividido em: uma sala para os professores, uma secretaria, quatro salas de aula, uma cantina, um espaço para as crianças brincarem durante o intervalo, dois banheiros sendo um para o sexo masculino e outro para o sexo feminino sem fazer distinção entre funcionários e alunos e uma pequena biblioteca. O Grupo possuía um espaço físico amplo, ventilado e moderno para a época, como ilustra a imagem abaixo.

⁵³ Governou a Paraíba de 1947 a 1950.

⁵⁴ Governou o País de 1946 a 1951.

Grupo Escola Vasconcelos Brandão, no ano de 1957.



FOTO 11- Acervo pessoal de Maria Inês Limeira Vilar.

Mas, este grupo surgiu com um diferencial, não ia passar pelos problemas que as escolas anteriores passaram devido à falta de dinheiro, por integrar-se ao sistema estadual de ensino.

Como podemos observar durante a pesquisa desse trabalho todas as escolas da Cidade de Serra Branca emergiram a partir do comprometimento em atender uma determinada parcela da população, no caso do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão⁵⁵ sua construção foi realizada para atender as necessidades de crianças com faixa etária que ia dos sete aos doze anos e estudando da alfabetização a quarta série.

Em 1957 O Grupo Escolar Vasconcelos Brandão recebeu a autorização para iniciar o ano letivo, as aulas iniciaram “em um período de euforia e expansão desse tipo de educandário no Estado da Paraíba”, mas antes de começar as aulas foi realizada a solicitação de alguns professores que já prestavam serviço na Escola Pio XII e estes foram contratados pelo estado e transferidos para a nova escola. Depois de fixar o quadro de servidores e docentes as famílias então foram convidados a matricular seus filhos e o Grupo foi finalmente inaugurado. Passando a funcionar no início em dois turnos que seria manhã e tarde. Entretanto, a Professora Maria do Socorro Moreira de

⁵⁵ Não temos como precisar quem foi Vasconcelos Brandão e nem porque o Grupo recebeu o nome dele, Devido às pessoas que foram entrevistadas não conhecer a história do educandário mesmo tendo sido funcionários, como também a ausência de documentos da escola, do terreno e do idealizador.

Queiroz⁵⁶, que trabalhou como professora e foi à terceira gestora do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão, relatou que:

As turmas variavam de acordo com o ano e o número de alunos que eram matriculados. havia ano que o Grupo tinha que aumentar um turno colocando alunos para estudar a noite, porque nos outros turnos não podia acolher a quantidade de alunos. Teve ano que tinha cerca de 400 alunos matriculados nas turmas de alfabetização (jardim) até a quarta série.⁵⁷

A citação nos mostra a amplitude das turmas e como os professores improvisavam para poder atender a todas as crianças, visto que o grupo contava apenas nove professores todos sem habilitação para o magistério. No final dos anos setenta (70) mais precisamente por volta de 1978, o corpo docente desta escola decidiu se capacitar profissionalmente estudando no curso do Logos II⁵⁸ e assim poderiam continuar levando o conhecimento a todas as crianças do município.

Em 1959 Serra Branca foi emancipada e um ano depois, em 1960, os grupos foram se descentralizando, os sítios e os distritos de Coxixola, Santa Luzia e Sucuru foram contemplados com instituição de ensino. Todavia, o Grupo Escolar Vasconcelos Brandão localizado na Avenida Alvaro Gaudêncio, no centro da cidade, era responsável por receber e repassar todo material didático para estes novos grupos. Entretanto, a Professora e ex-diretora Maria do Socorro Moreira de Queiroz nos revelou que:

Não conhecia a estrutura dos grupos da zona rural, pois havia um funcionário do 5º Núcleo de Ensino, localizada na cidade de Monteiro no cariri paraibano, que vinha a cidade de Serra Branca só supervisionar estes grupos e aproveitava para fazer as reuniões pedagógicas com os professores.

Mesmo ela sendo a única diretora, na época, de todos os grupos independente da localização, se era na zona urbana ou na zona rural, afirma que não mantinha um contato direto com os educandários e nem com os educadores. O vínculo entre estas instituições de ensino não permitia a presença de mais gestores. Porém este vínculo existia apenas no “papel”, a ex-diretora nos revelou através da citação acima que não tinha conhecimento de como funcionava os grupos da zona rural. Todo contato direto cabia aos funcionários que vinham da cidade de Monteiro.

⁵⁶ Em entrevista concedida a autora no dia 31 de julho de 2012.

⁵⁷ Idem a nota 56.

⁵⁸ O curso do LOGOS foi o primeiro curso a distância, implantado no país para capacitar professores leigos e foi implantado em todo País em 1978 através do parecer 699/72. O LOGOS II foi a continuidade do primeiro projeto e foi desenvolvido na fase de expansão do projeto em nível nacional. Este curso era feito através do estudo de módulos, estes módulos eram levados para casa e os alunos iam à escola apenas tirar dúvida ou fazer as provas. Havia um professor disponível para revisão do conteúdo e aplicação das provas.

Mas, na década de 1980 O Grupo Escolar Vasconcelos Brandão passou por uma reforma durante o governo de Wilson Leite Braga. Ainda segundo a ex-diretora Maria do Socorro Moreira de Queiroz esta reforma tinha como objetivo a reconstrução do piso das salas que estavam afundando, do telhado que estavam em péssimo estado de conservação e construção de mais sala de aula. Mas o grupo foi praticamente demolido e sua estrutura física foi totalmente alterada. Durante esta reforma foram construídos mais duas salas de aula e uma sala mais ampla para os professores, além de modificar a fachada de frente. Porém, o objetivo principal do Grupo permaneceu, que era atender um maior número de alunos a cada ano.

2.4-A Construção do Colégio Comercial Wamberto Torreão

A partir da década de 1960, quando os professores, gestores e alunos estavam conseguindo dar os primeiros passos para consolidar a educação local, sentiram a necessidade de ampliar a Escola Profissional Pio XII. Entretanto, no prédio em que a escola estava funcionando, não havia mais espaço para a construção de novas salas e nem poderiam matricular mais crianças, tendo que limitar o número de alunos que poderia ser matriculados.

Para conseguir a ampliação da instituição educacional, o Padre elencou 17 cláusulas descrevendo como se daria o projeto, a construção e de onde viriam as verbas. Todas as informações ficaram anotadas no *livro de tombo* da igreja local. Essa nova construção só foi possível após a igreja, na pessoa do Cônego, decidir fazer a doação de um terreno para a construção da nova escola, como consta na 5ª cláusula.

O prédio do Ginásio Industrial será construído em um terreno com área de 5.000m² pelo menos, devido o mesmo satisfazer as melhores condições pedagógicas e de higiene e os alunos ficarem protegidos por muros ou cerca... no final da construção.

Já que as pessoas não tinham o costume de registrar em cartórios suas doações, pois as mesmas eram realizadas verbalmente. Então, o Cônego resolveu fazer seu próprio registro nas suas descrições diárias, relatando passo-a-passo o procedimento do terreno e o andamento de seu projeto. Estes manuscritos serviram para garantir o recebimento das verbas e construção de uma escola mais ampla.

A escola deveria abranger os seguintes cômodos: salas de aulas, sala para os professores se reunirem e descansarem durante os intervalos das aulas, sala para o

diretor, laboratório, biblioteca e dependências sanitárias (banheiros). Todas estas dependências seriam para garantir privacidade a todos e em especial aos mestres para melhor instruir seus alunos.

Após o termino do projeto a sociedade serra-branquense contou com auxilio de verbas Estaduais e Federais para edificação do prédio. Veja as clausulas que seguem.

1ª clausula- O ministério da educação e Cultura por intermédio da diretoria do Ensino Industrial prestara o auxilio de CR\$ 5.000.000 (cinco milhões de cruzeiro) à Escola Profissional Pio XII. do Estado da Paraíba para a construção do prédio em que deverá ser instalado o ginásio industrial de Serra Branca, naquele Estado, bem como para o seu equipamento.⁵⁹

2ª clausula- O auxilio federal será pago à custa da verba 3.000, consignação 3.100, subsignado 3-1-12- Fundo Nacional do Ensino Lúdico 5. Entregue com Entidade Pública ou a Direito Privado, para Transformação de Estabelecimento de Ensino em Ginásio Industriais e excepcionalmente e para construção e equipamento (16, Paraíba, 2) Serra Branca, daquele Estado, e só poderá ser utilizado para o fim exclusivo de liquidação de despesas previstas neste convenio, cujo terrenos deverão ser amplamente divulgado por edital e pela imprensa local lida e falada.⁶⁰

Todo procedimento deveria ser registrado, anotado e divulgado em todos os meios de comunicações falados e escritos que existisse na cidade de Serra Branca. O andamento da obra também deveria ser registrado em fotografias para que todas as pessoas tomassem conhecimento da construção e da origem do dinheiro, visto que a verba só poderia ser liberada, se tivesse como comprovar a construção do prédio e este dinheiro, deveriam ser destinadas para custear os gastos com as escolas, incluindo as despesas com os pedreiros, transportes, alimentações e a compra dos moveis de boa qualidade para que pudessem “durar por muito tempo”. Vejo o que diz a 4ª clausula.

(...) 2- O beneficiário após a conclusão das obras resultará a Diretoria do Ensino Industrial ou entregará ao seu dependente, especialmente enviado para isso, o termo do recebimento do Prédio preenchendo uma forma de modelo, anexo ao presente convenio, acompanhado de um demonstrativo das despesas realizadas na construção e de fotografias que focalizem o prédio por vários ângulos externos e internos.⁶¹

Esta clausula pede para que sejam remetidas as fotos de ângulos distintos para comprovar a construção e a conclusão da obra. Só depois que estas fotos fossem recebidas e analisadas pelos representantes do estado e responsáveis pela liberação das

⁵⁹ As clausulas se encontra no livro de tombo P (79), este livro esta na casa paroquial de Serra Branca-PB.

⁶⁰ Anotações retiradas do Livro de Tombo.

⁶¹ Idem a nota 60).

verbas, a escola estaria autorizada para a sua inauguração, transferência das turmas e início das aulas. Logo depois que as fotos foram entregues, o prédio então recebeu autorização para realização da solenidade de abertura. Observe algumas fotos que retratam todo processo de construção do colégio. Tais imagens foram encomendadas pelo Padre João Marques Pereira e arquivadas pela senhora Margarida.

Início da construção do Colégio Comercial Wamberto Torreão, no ano de 1963.



FOTO 11- Acervo pessoal de Margarida Antonino da Silva.

Nesta foto a obra já está em andamento e os trabalhadores na ativa, no ano de 1963.



FOTO 12- Acervo pessoal de Margarida Antonino da Silva.

Esta imagem visa demonstrar a dimensão do terreno, e sempre mostra a presença de homens trabalhando, no ano de 1964.



FOTO 13- Acervo pessoal da Margarida Antonino da Silva.

Nesta imagem a obra esta em fase conclusiva, no ano de 1965.



FOTO 14- Acervo pessoal da Margarida Antonino da Silva.

A festividade solene foi marcada para o dia 26 novembro de 1965 e foram convidados para a comemoração o Deputado Plinio Lemos e toda população que receberam com alegria o novo empreendimento educacional local. O ato religioso marcou o encerramento da obra e foi realizado no pátio da própria escola e fotografado. Observemos:

Missa em ação de graça pela conclusão do Colégio, no ano de 08/03/1966.



FOTO 15- Acervo pessoal da Margarida Antonino da Silva.

A partir do dia da inauguração e abertura do colégio, este educandário ficou sobre a autonomia administrativa do Cônego e iria funcionar com o curso primário e comercial. Posteriormente aos cerimoniais, as turmas da Escola Pio XII foram transferidas. Os cursos autorizados para funcionar neste educandário tanto o primário quanto o comercial deveriam cumprir com uma carga horária de 4 horas e com disciplinas específicas para aprimorar a leitura e a capacidade de compreensão textual, mas o ensino comercial também preparava para mercado de trabalho.

Portanto, no ensino primário⁶² os alunos aprendiam leitura, interpretação de textos, a calcular, dentre outros. Logo depois da conclusão deste curso os alunos que almejavam dar continuidade nos estudos deveriam prestar uma prova de admissão, caso atingissem uma nota acima de sete (7) seria aprovado e estaria habilitado para ingressar no curso seguinte chamado pelos entrevistados por diversos nomes, tais como: secundário, industrial e comercial. Esta discordância se dava por alguns motivos, no primeiro caso era visto como a sucessão do curso primário, nos outros dois casos essa divergência foi ocasionada pelas descrições feitas pelo Cônego. Durante seus relatos ele fazia alusão ao Prédio do ginásio industrial que na lógica iria ser implantado o curso

⁶² O ensino primário hoje corresponde ao ensino infantil, de 7 a 12 anos, e ao ensino fundamental.

industrial, só que logo depois da inauguração o Colégio passou a ser chamado Colégio Comercial Wamberto Torreão⁶³.

Então, recorremos à obra de Romanalli (1980) que analisa em seu livro a distinção de cada curso, os ciclos utilizados para divisão dos anos estudados, as disciplinas estudadas em cada um e o período de implantação dos cursos em discussão. O ensino secundário tinha as disciplinas organizadas e voltadas para os alunos que desejavam ingressar nos cursos engenharia, direito e medicina. Este curso passou por dois decretos para poder se consolidar e preparar para o ensino superior, o primeiro é o Decreto-lei nº 19.890, de 11 de abril, que visava a organização do ensino secundário e o segundo é o Decreto-lei 21.241, de 14 de abril, visava à consolidação do ensino secundário.

Durante o regime do Estado Novo⁶⁴ as leis orgânicas do ensino, criaram decretos de leis voltados para a educação como o Decreto de lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, para implantar, legalizar e regulamentar o ensino industrial e o Decreto de lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943, para regulamentar o ensino comercial. Posterior à identificação dos decretos recorremos novamente à obra de Romanalli, que dedicou uma parte do seu trabalho para distinguir o ensino industrial do comercial. Segundo a autora, o ensino industrial foi pensado para profissionalizar em larga escala e estes profissionais eram preparados para trabalhar nas indústrias, já o ensino comercial era dividido em ciclos com duração de três anos e os alunos eram preparados para trabalhar no comércio.

A partir desta diferenciação percebemos que o ensino implantado na nova escola de Serra Branca foi o ensino comercial, visto que os alunos ao concluir o curso recebiam o título como o de auxiliar de escritório.

No ano de 1966 o colégio foi inaugurado e recebeu as primeiras turmas. Veja a seguir a descrição que relata como ocorreu a abertura oficial do Colégio Comercial Wamberto Torreão:

⁶³ A escola recebeu este nome em homenagem a um importante comerciante local que apoiou a implantação de um curso voltado para o comércio. O senhor Wamberto Torreão que era amigo do Padre e também o auxiliou durante a construção do colégio.

⁶⁴ Segundo Arruda, o Estado Novo ficou conhecido como o regime político brasileiro adotado por Getúlio Vargas, este período teve início no ano de 1937 e encerrou no ano de 1945, durou, portanto oito anos. Durante o Estado Novo o presidente governou sem decreto de lei, além de ter concentrado todo poder em suas mãos. Continuara leitura sobre o assunto no site <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/>, acessado em 10/10/2012

8 de março de 1966

“Nesta data foram abertas as portas do novo Ginásio para o início das aulas com missa tendo o comparecimento dos estudantes e das famílias da cidade. Atenção foi dada pelo Monsenhor Viena. (...)”⁶⁵

No ano de 1967 a primeira turma do primário colou grau, foi também a primeira festa de conclusão no colégio e as anotações seguiram iguais até o ano da morte do Cônego João Marques Pereira. Observe:

Para alegria de toda cidade de Serra Branca, pela primeira vez em sua história, assistiu com felicidade de suma importância a entrega de certificados de uma conclusão da 1ª turma cursando no seu estabelecimento de ensino, já citado. A solenidade custou de umas quinze às dez horas e comunhão dos concluintes, tendo o comparecimento das famílias, professores e alunos do colégio. A missa foi celebrada pelo Padre João Marques Pereira, patrono da turma. Na missa estava o presidente Professor Afonso Pereira homenageado de honra, o inspetor do colégio comercial. Professor Vicente de Alencar [Souza]. Professor Francisco Trocoli e demais autoridades.⁶⁶

O Cônego João Marques Pereira ficou sozinho a frente desta instituição de ensino administrando-a e organizando desde o calendário letivo até as festividades realizadas em datas comemorativas no decorrer dos anos.

No primeiro semestre do ano de 1969 o Padre sentiu a necessidade de ter uma pessoa para auxilia-lo e foi aí que ele teve a ideia de convidar a professora Edite Antonino para ocupar o cargo de vice-diretora e dividir com ele a responsabilidade de gerir o Colégio, pouco tempo depois segundo as entrevistadas ele ficou adoentado e não conseguia mais comparecer diariamente ao colégio, então resolveu entregar temporariamente à direção à vice-diretora, pouco tempo depois, faleceu⁶⁷. Posteriormente, ao falecimento do Cônego a professora Edite Antonino assumiu definitivamente a direção da escola, dando continuidade ao trabalho daquele que fora admirado por uma parcela significativa dos habitantes da Cidade, o Cônego João Marques Pereira.

⁶⁵ As informações foram retiradas do livro de tombo na P (92).

⁶⁶ As informações foram retiradas do livro de tombo na P (102-103).

⁶⁷ Idem a nota 27.

2.5-A Escola Cônego João Marques Pereira (Pró)

Durante a década de 1980, do século passado, o povo de Serra Branca sentiu a necessidade de implantar outro curso profissionalizante. Foi a partir deste momento que o Professor Milton Brito⁶⁸, que morava na cidade de João Pessoa, percebeu que deveria voltar à Serra Branca e era a oportunidade de realizar um antigo desejo o qual constituiria em implantar um novo curso na cidade, mas antes de tomar qualquer decisão a respeito de qual curso seria implantado resolveu ouvir os moradores.

Milton juntamente com alguns colaboradores resolveu realizar uma pesquisa no município, entrevistando os habitantes para saber qual o curso eles almejavam. Logo depois ao termino da pesquisa, chegou-se a um impasse. Umas pessoas queriam o curso de Administração e outras pessoas optaram pelo curso do Magistério. Este último tinha como meta capacitar professores para ensinar o primário. Diante deste resultado Milton Brito e seus ajudantes decidiram inserir na cidade um curso que beneficiasse tanto as mulheres quanto os homens.

Deste modo o curso de administração foi descartado, pois nesse tempo este curso era voltado para atingir o público masculino, além de os pesquisadores terem percebido que os (as) estudantes depois da conclusão do curso comercial iniciavam a carreira profissional lecionando e o curso já existente não habilitava para a carreira docente.

De acordo com a entrevista concedida pela professora Maria Augusta de Brito,⁶⁹ que foi a primeira diretora da Escola Conego João Marques Pereira (Pró) e permaneceu trabalhando na escola por período de 25 anos, revezando entre as funções de professora das disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado além de ser a gestora da escola, “a pesquisa foi fundamental para que seu irmão, Milton Brito, decidisse pela implantação de um curso na área da educação”.

Após ouvir o anseio do povo e decidir pelo curso do magistério, o professor Milton Brito resolveu buscar apoio das autoridades políticas da cidade e começou

⁶⁸ Milton Brito é filho de Serra Branca se mudou para a cidade de Campina Grande para estudar no Seminário Diocesano e passou um período de oito (8) anos. Depois ele percebeu que não tinha vocação para seguir com a carreira religiosa, então ele resolveu cursar direito, administração e história na cidade de João Pessoa, regressando para a cidade natal para implantar o curso do magistério.

⁶⁹ Em entrevista concedida a autora no dia 08 de agosto de 2012.

marcando uma reunião com o Prefeito da época que era Wamberto Torreão Filho⁷⁰, com o Secretário de Educação da Cidade o Professor George de Queiroz Gaudêncio e sua irmã a professora Maria Augusta de Brito. Entretanto, os irmãos, Maria Augusta e Milton Brito, expuseram o resultado da pesquisa e o projeto para o prefeito e o secretário que ao analisar o material exposto perceberam que poderiam realizar a vontade do idealizador e oferecer uma nova oportunidade de ensino aos moradores locais.

O prefeito Wamberto Torreão Filho resolveu contribuir com o projeto “cedendo” um prédio que ainda estava em construção para ser instalada a nova escola. Provavelmente o MEC (Ministério da Educação e Cultura) tinha beneficiado a cidade de Serra Branca com a construção do dito prédio, possivelmente sem perspectiva de implantação de novos cursos. A escola foi construída com seu espaço físico dividido em: quatro salas de aula, uma sala para os professores, uma biblioteca, uma cantina, uma secretaria e três banheiros, sendo um para as meninas, um para os meninos e um para os professores e demais funcionários.

Depois da confirmação formal desta doação o professor Milton Brito rapidamente fez a solicitação de abertura junto a Inspeção Técnica da Secretaria de Educação do Estado, localizada na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, no ano de 1982. Ainda segundo a professora Maria Augusta, seu irmão almejava inaugurar a escola no ano seguinte que seria em 1983, pois era de suma importância que a vistoria fosse realizada ainda no ano da solicitação, após a análise do projeto pelo Conselho Estadual de Educação da Paraíba houve a autorização do curso de 2º grau com habilitação para o magistério através da resolução Nº 56/83. O relator e conselheiro Arlindo Carolino Delgado chegaram a seguinte conclusão:

(...) Que o ensino normal de 2º grau para formação de professores ao magistério de 1º grau, deve ser estimulado com o apoio de todos os órgãos responsáveis por constituir importante fonte de recursos humanos, necessários a melhoria do ensino nas comunidades interioranas. (...).

Consequentemente, com a confirmação da autorização o prédio começou a ser preparado, recebendo moveis, quadros negros e outros materiais didáticos para receber as turmas. Ao mesmo tempo em que a escola já havia recebido o nome daquele que se

⁷⁰ Este prefeito era filho do comerciante Wamberto Torreão o qual foi homenageado pelo Cônego ao nomear o Colégio com seu nome.

tornou o fundador da educação da cidade de Serra Branca, passou a ser chamada de Escola Cônego João Marques Pereira conhecida popularmente por Pró⁷¹.

Um pouco antes de iniciar o ano letivo, mais precisamente em março de 1983, o professor Milton Brito publicou no jornal local, denominado *Noticias do Cariri*, uma nota informando aos moradores da Cidade mais uma conquista voltada para a educação, não só desse município, também das cidades circunvizinhas. Esta nota foi elaborada com o objetivo de informar aos serra-branquenses o nome do educandário e a quem iria homenagear, agradecer aos colaboradores incluindo o atual prefeito e o ex-prefeito, a irmã que iria ocupar a posição de gestora, além de comunicar os nomes dos docentes que iriam trabalhar no novo educandário. Veja a seguir como a nota foi elaborada.

Nota informativa.

Serra Branca ganha novo educandário /1983

Numa homenagem ao emérito educador desta região caririzeira, Cônego João Marques Pereira, foi instalada, no último dia 20 de fevereiro, mais uma escola, a nível de I e II graus, denominada ESCOLA CÔNEGO JOÃO MARQUES PEREIRA.

A nova escola é fruto da iniciativa da professora Maria Augusta de Brito, que envidou esforços junto à Secretaria de Educação e Cultura do Estado e à Prefeitura Municipal de Serra Branca, tendo conseguido da Secretaria de Educação a devida autorização para funcionamento e da Prefeitura a cessão do prédio, onde ficará instalada.

A idéia desta nova escola tem encontrado a melhor acolhida e receptividade de todos os componentes de nossa comunidade, sobretudo dos poderes públicos, através do ex-prefeito Wamberto Torção Filho e do atual Juarez Maracajá Coutinho, além dos professores que se dispuseram a colaborar com a iniciativa.

O quadro docente será constituído de professores da mais alta qualificação magisterial, destacando-se, Cecy Borba Correia Lima, Cleusa Ribeiro e Araújo, Edite Antonino de Sousa, Maria José Bezerra, Maria Ednaide Brito, José Tomaz das Neves, Severino Araújo Lopes, Maria Alice D'Araújo Maracajá, Inez Almeida Alves e George de Queiroz Gaudêncio.

(MILTON BRITO)

NOTA 1- Acervo pessoal de Maria Augusta de Brito.

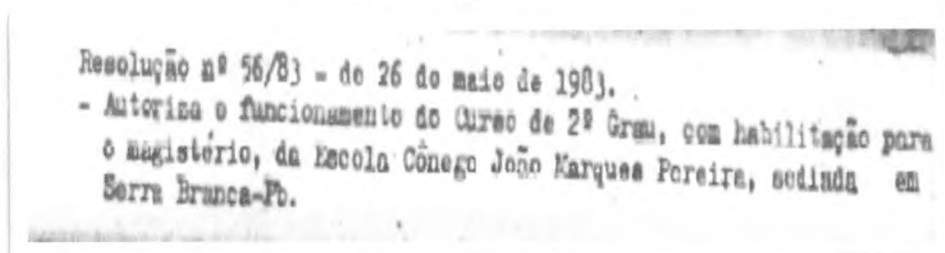
Todos os acontecimentos locais deveriam ser publicados nos meios de comunicações do município, assim sendo a construção e a inauguração de uma escola não poderiam passar despercebidas, era dever dos organizadores informar a população e convidá-la a participar daquele evento que deveria ser apreciado por todos os Serra-

⁷¹ A Escola Cônego João Marques Pereira recebeu o codinome de Pró pelo Professor George de Queiroz Gaudêncio.

branquenses. Logo depois da divulgação de nota informativa as matrículas foram abertas para o curso do Magistério e também para turmas do primeiro grau, pois a escola iria funcionar em três turnos, ficando estabelecido que os turnos da manhã e da tarde iria funcionar com turmas de primeira a oitava série e o turno da noite deveria ser exclusivamente para o segundo grau com habilitação para o Magistério.

Mas só cerca de três meses depois que iniciou as aulas, a Escola Cônego João Marques Pereira teve sua autorização formalizada. Essa autorização aprovava a abertura do educandário e foi publicada no Jornal do Estado, denominado de *Diário Oficial*, no dia 29 de junho de 1983. Veja o que diz na nota abaixo.

Nota de Autorização.



NOTA 2- Acervo pessoal de Maria Augusta de Brito.

As publicações descritas no diário oficial tinham como objetivo trazer a público às ações dos governos Estadual, Municipal ou Federal e neste caso esta publicação foi utilizado para informar e oficializa o funcionamento da Escola Conego João Marques Pereira (Pró). Localizada na Rua Raul da Costa Leão no centro da cidade, e do curso do segundo grau com habilitação do magistério nesta cidade.

Afirma Romanelli⁷² que a primeira escola normal da Paraíba foi inaugurada em 1845, era particular e funcionava em um Estabelecimento chamado Escola Normal, mais de um século depois foi autorizado na cidade de Serra Branca no interior da Paraíba o funcionamento do curso do magistério ou normal, gratuito com duração de três anos e uma grade curricular que englobava disciplinas voltadas para o aprendizado do segundo grau e disciplinas voltados para a área da educação. Deste modo, as (os) alunas (os) estudavam matérias como didática, estágio supervisionado e também elaboravam trabalho de conclusão de curso, que eles chamavam de “pasta”.

⁷²Idem a citação 6.

Para ingressar no curso normal⁷³ os alunos interessados deveriam ter concluído o primeiro grau ou ter terminado o colegial ou o comercial. Aqueles alunos que havia concluído apenas o primeiro grau ingressavam no primeiro ano e cursavam três anos, logo aqueles alunos que já haviam concluído o colegial ou similar e optavam pelo magistério, poderiam ingressar no segundo ano do curso, então os estudantes faziam como a pedagoga Maria da Conceição Antonino⁷⁴ nos disse em entrevista, “ingressei no magistério quando terminei o científico aí fez a matrícula e comecei no segundo ano do curso e estudava a mais duas matérias que não me recordo quais eram, mas estavam disponíveis apenas no primeiro ano”.

Posteriormente à legalização da escola e dos cursos, as turmas do primeiro grau e os normalistas foram se preparando para colação de grau e a festa de conclusão e, no ano 1985, houve a formatura da primeira turma do normal e assim sucederam, todos os anos havia festas de conclusão das turmas do magistério ou do normal.

Na turma pioneira do magistério se formaram 27 alunos, sendo 4 homens e 23 mulheres. Esta turma colou grau dois anos depois do início do curso, no ano de 1985.

No final do ano havia uma reunião com professores e alunos para agendar as datas de encerramento do curso. Antes da formatura havia a aula da saudade. Durante essa aula, era realizada uma espécie de retrospectiva dos momentos que marcaram no decorrer do curso. depois celebravam com um ato religioso (missa, culto ou os dois) e culminava com a colação de grau e festa de formatura.

As fotos a seguir mostram registro da aula da saudade e da colação de grau de uma turma normalista. Pois todas as formaturas seguiam o mesmo ritual.

⁷³ Este curso iniciou no ano de 1983 a pedido dos moradores locais e foi fechado no ano de 2001. De acordo com informações cedidas pela professora Maria Augusta do Brito o que levou a extinção do curso na cidade foi a Universidade da UVA (Universidade do Vale do Acaraú) que oferecia inúmeras facilidades dentre elas: aula uma vez por semana e habilitação superior.

⁷⁴ Em entrevista concedida a autora no dia 04 de outubro de 2012.

Aula da Saudade do curso do Magistério, no ano de 1986.



FOTO 16- Acervo pessoal de Maria da Conceição Antonino.

Colação de Grau e formatura, à esquerda Edinaildo Saraiva, no meio a formanda Maria da Conceição e a direita Dr. Inácio Antonino, no ano de 1986.



FOTO 17- Acervo pessoal de Maria da Conceição Antonino.

Os estudantes que cursavam o normal, junto com o título de professor conquistavam também o respeito das pessoas, visto que o curso do magistério oferecia disciplinas que estimulava a didática dos jovens profissionais. Veja o diz em depoimento da pedagoga Maria da Conceição Antonino:

Hoje eu vejo que quem não tem o magistério ao entrar na sala de aula sente mais dificuldade, porque eu acho que o magistério me preparou mais que o curso superior que fiz depois, se bem que os alunos daquele tempo eram diferentes. Eu vejo o curso do magistério como um curso fundamental para quem pretende ensinar.

Por meio das entrevistas percebemos quão grande era a importância desse curso para a população. Depois da primeira conclusão do curso do magistério no ano de 1985 não dava mais para imaginar a cidade sem essa escola, visto que era o único educandário que habilitava docentes, mais precisamente sem esse curso. De acordo com os entrevistados essa escola se transformou no educandário mais importante para quem desejava seguir a carreira de professora (o), o normal foi implantado para estimular vocações e habilitar pessoas naquela que se não fosse a principal profissão seria uma das mais valorizadas na época pelos serra-branquenses, a questão de valorização não diz respeito ao salário e sim ao reconhecimento que a população local tinha pelos educadores

2.6-A Intervenção do Poder Público na Educação

Todas as escolas do município de Serra Branca, as quais a pesquisa foi realizada, passaram por dificuldade devido à falta de dinheiro. No início, as escolas recorriam aos comerciantes, políticos e aos próprios moradores para tentar solucionar temporariamente o problema e manter o educandário funcionando.

A Escola Profissional Pio XII contou com o apoio dos moradores do município e a adesão da Igreja, que disponibilizou seu espaço livre para poder manter as salas de aula funcionando e os cursos de formação profissional na ativa.

Quando nos referimos ao Colégio Comercial Wamberto Torreão, estamos falando da extensão da Escola Profissional Pio XII. Este educandário recebeu apoio também dos comerciantes locais, e dos nossos representantes. Neste caso estou me referindo aos políticos e não somente aos da região, mas ao governador, ao presidente e a alguns deputados. Estes últimos foram responsáveis pela ajuda durante o processo de estadualização da escola.

Durante vários anos, os gestores do colégio lutaram para manter a escola livre das dívidas, o que não foi possível sem o apoio do estado. No dia 06 de março de 1975 ambas as partes entraram em consenso e elaboraram o Decreto de lei nº 6.450, de

acordo com esse decreto o Colégio passaria a fazer parte do Estado. O estabelecimento repassaria todas as despesas e responsabilidades para o poder público. Foi a partir deste momento que o colégio conseguiu acabar com as dívidas adquiridas devido ao atraso no pagamento dos funcionários e manutenção. Este decreto conferiu quatro artigos que deveria estabelecer algumas modificações para o colégio, tais como:

Artigo I - consolida a estadualização do colégio e autoriza a mudança do nome da escola que passaria a se chamar Colégio Estadual de Serra Branca;
Artigo II - conta que o prédio e todos seus bens deverão ser incorporados ao patrimônio do Estado;

Artigo III - a secretaria da Educação e Cultura estabelece um prazo de trinta dias para solucionar os problemas e no

Artigo IV - diz que os artigos acima citados só entrariam em vigor após a publicação do decreto em discussão.

Assim como as demais escolas O Grupo Escolar Vasconcelos Brandão recorreu ao apoio estadual para construção, realização de algumas reformas, manutenção com material didático e pagamento de funcionários, ou seja, este Grupo já iniciou estadualizado.

Os funcionários do Grupo Vasconcelos Brandão e das escolas da Zona rural, as quais eram vinculadas a esta instituição de ensino contavam também com incentivos financeiros oriundos do estado e os funcionários tinham suas remunerações também pagas pelo Estado.

Ao mencionar a Escola Conego João Marques Pereira, esta contou com apoio desde o início do projeto da Prefeitura Municipal de Serra Branca na pessoa do prefeito Wamberto Torreão Filho e seu sucessor Juarez Maracajá Coutinho, que no dia 02 de fevereiro de 1983 assinou um convênio com dez cláusulas elencando as obrigações entre a escola e o órgão público. As cláusulas serviam para mencionar os tipos de auxílio que seriam proporcionados pela Prefeitura à escola e quais exigências a escola deveria cumprir.

Segundo as cláusulas mencionadas cabia à prefeitura prestar assistência técnica, financeira, disponibilizar professores, funcionários auxiliares para manter o funcionamento da escola, fiscalizar o educandário e transferir ou substituir os professores do educandário para outros mais necessitados. Ficou acertado como responsabilidade da escola, aceitar alunos que eram excedentes da rede oficial de ensino, os professores ficariam subordinados administrativamente a escola sob o controle e orientação pedagógica, deveria respeitar o calendário e outras normas oficiais de ensino, a escola tinha como obrigação enviar mensalmente o registro do ponto dos

professores, como dos demais funcionários e com o fim do convenio os professores deveriam retornar as suas unidades de origem. Deste modo, a prefeitura arcou com as despesas desta escola por oito anos⁷⁵.

Enfim todas as escolas da cidade de Serra Branca as quais foram realizadas a pesquisa precisaram de apoio para que pudessem manter as portas abertas, então os idealizadores e gestores recorreram aos prefeitos, governadores, a união e demais representantes eletivos do povo para angariar auxílio financeiro e poder arcar com os subsídios. A partir desta busca todos os educandários locais passaram a contar com o apoio dos órgãos públicos para manter a estrutura física das escolas, ampliar o número de alunos, pagar os funcionários, garantir a manutenções dos imobiliários e a refeição dos estudantes. Já que a situação financeira dos moradores locais não permitia que os pais pudessem pagar pela educação dos filhos.

Assim sendo, as escolas se mantiveram contando com doações por vários anos, até a concretização da estadualização e municipalização das escolas. Quando o poder público assumiu definitivamente as despesas dos educandários foi possível quitar os déficits, ampliar o número de vagas e os turnos.

Portanto, a construção das escolas no município de Serra Branca foi responsável por uma mudança significativa na vida intelectual, social e profissional das pessoas, principalmente depois da implantação dos cursos profissionalizantes, os quais se tornaram prioridade para o setor econômico, no que se refere não só a economia comercial mais também a economia individual. A ampliação das escolas nesta cidade foi significativa para a modificação pelo o qual o município passou, durante o processo de implantação educacional houve uma aspiração de elementos que para a época era moderno sem a população romper as características existentes tanto no meio urbano quanto no meio rural.

⁷⁵ O Projeto de Lei Nº 10/ 90, de agosto de 1990 solicita a municipalização da Escola Conego João Marques Pereira. Com a aprovação do projeto a escola teve seu nome alterado e passou a ser chamada de Escola Municipal de 1º e 2º graus Conego João Marques Pereira e a fase de 2º grau será estabelecida como curso profissionalizante de habilitação para o magistério. Só a partir de 1991 a lei entrou em vigor. Posteriormente a escola sofreu outra alteração na nomenclatura e passou a ser chamada Escola Municipal de ensino Fundamental e Médio Conego João Marques Pereira e o curso do Magistério foi instinto no ano de 2002 devido à falta de alunos e o desprestígio do curso por causa dos cursos superiores da UVA e similares.

Considerações Finais

Quando escolhemos escrever sobre o tema proposto, iniciamos com entrevistas e percebemos que deveríamos discorrer como iniciou a ideia de implantar a educação no distrito de Serra Branca. Então tentamos estimular as memórias das pessoas que colaboraram com a realização desse trabalho.

Durante as entrevistas, os entrevistados foram narrando como tudo começou, incluindo a participação dos idealizadores, a importância do Pároco local, a recepção dos moradores, a contribuição das autoridades (políticos) e as transformações sociais, econômicas e intelectuais. As pessoas relatavam o que vivenciaram com um ar de nostalgia e ao mesmo tempo com um sentimento de dever cumprido, por olhar para trás e ter a certeza que tudo que temos hoje quando nos referimos à educação são os frutos colhidos daquelas sementes que começaram a ser semeadas no final da década de 1940 pelo Padre Marques Pereira com o auxílio da população local e demais colaboradores.

A respeito das escolas tivemos o compromisso de expor para os serra-branquenses a história do processo educativo e como os idealizadores conseguiram tirar do papel alguns projetos os quais foram importantes para toda população. A educação em Serra Branca teve início com a Escola Pio XII, O Colégio Comercial Wamberto Torreão, Grupo Vasconcelos Brandão, Grupos em diversos sítios e a Escola Conego João Marques Pereira. Quando estes educandários estavam prontos para receber os alunos à população era avisada através dos jornais e dos rádios, estes meios de comunicações também eram utilizados para convocar os pais para as matrículas e avisar o início do ano letivo.

Logo depois do início do ano letivo o Padre se depôs a continuar lutando em buscando doações financeiras, mesmo tendo disponibilizado as dependências da casa paroquial para montar as salas de aula, além de ir à procura de pessoas que disponibilizassem um pouco do seu tempo livre para lecionar de graça (voluntário) ou recebendo um valor simbólico como pagamento.

Contudo, os problemas e as dificuldades não conseguiram impedir que o projeto educacional, o qual foi iniciado pelo Cônego, se desenvolvesse e a população da cidade conseguisse construir quatro escolas e diversos grupos escolares distribuídos nas zonas rurais e um na zona urbana em um período correspondente aos anos de 1942 até 1986, percebemos que os anos estudados serviram como um divisor de águas para a educação

na Cidade de Serra Branca na Paraíba. De forma modesta mais ambiciosa o povo foi se envolvendo e aos poucos os alunos foram se multiplicando e as escolas expandindo para acompanhar esse crescimento.

Após concluirmos as entrevistas sobre a educação em Serra Branca, ouvimos as mais variadas histórias, propiciamos um espaço para as pessoas desabafar, se emocionar e acima de tudo essas pessoas nos contemplaram com relatos de lutas e conquistas. Então chegou a hora de compartilhar as nossas reflexões a respeito das fundações das escolas e das mudanças que ocorreram na cidade.

No primeiro capítulo fizemos um levantamento histórico a respeito da educação no município de Serra Branca nas décadas 1940 a 1980, a partir dessas histórias de sociabilidade e sensibilidade, nos deparamos com ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários que nos incentivaram a descrever como era a educação nesse período. Mas, Serra Branca ao mesmo tempo em que lutava pela implantação da educação lutava pelo desmembramento territorial para poder chegar a ser definitivamente o município de Serra Branca.

Foi analisando os citados anos que percebemos que a educação era privilégio de poucos, as lembranças desses períodos e das dificuldades vividas passaram a existir só na memória dos serra-branquenses. Foi a partir desses relatos que percebemos como se deu a construção dos primeiros educandários ressaltando a experiência dos educadores, a iniciativa de inaugurar um cinema para auxiliar na manutenção das escolas e a expansão dos grupos escolares na zona rural, bem como os métodos utilizados para educar as crianças.

Com embasamento no que foi pesquisada, a educação instituiu-se no município a partir da chegada de um novo Pároco a matriz, pois o mesmo passou a contar com o apoio dos populares para gerir um projeto educativo para todos os habitantes locais. O cenário e as diversas imagens do espaço educativo ganharam objetividade no rigor das propostas, apresentando uma recriação da educação no município, enquanto a conservação dos processos educacionais da origem a uma iniciação educacional.

No segundo e último capítulo observamos como ocorreu a construção de cada escola, como as pessoas as receberam e qual o papel dos políticos ante/durante e depois da inauguração de cada instituição educacional.

A educação desempenhou nessa sociedade um aspecto de pluralidade, ela também estava nos planos dos comerciantes e dos políticos que apoiavam os projetos educacionais, deste modo os comerciantes ao ajudar recebiam como pagamento

divulgação devido às inúmeras notas de agradecimentos feitos nos rádios e jornais locais, já no caso dos políticos eles aproveitavam para por em prática as estratégias eleitorais e se beneficiarem dos auxílios prestados conseguindo conquistar popularmente seus eleitores. Pode-se dizer que essas obras foram frutos de ações realizadas em conjunto com “populares”, “religiosos” e “políticos”, através de diversas ações as quais a cidade ficou conhecida como um exemplo. Podemos proferir que as Escolas incidiram através de varias buscas objetivas da população e dos seus idealizadores.

Construir a Historia da Educação de Serra Branca torna-se uma importante tarefa para materializar essa construção como um acontecimento que remonta uma luta antiga dos moradores da cidade, que em vários períodos ajudaram a criar uma visão de que só ocasionaria mudanças sociais se as pessoas fossem instruídas, levando os moradores a projetar novos cursos.

Nas escolas as pessoas puderam experimentar e conviver com uma realidade diferente do que já estavam acostumados, fazendo com que fossem produzidos momentos alegres e tristes e os entrevistados ao recordar estes momentos ficavam repletos de nostalgia. A cada ano mais uma luta era vencida, uma vitória a ser comemorada por todos os habitantes, os alunos, os pais, o pároco, os professores e outros tantos funcionários, colaboradores e moradores. Porém toda população era convidada a participar e festejar mais uma oportunidade de desenvolver o intelecto dos jovens da época.

O que deixava as famílias mais sossegadas era que com a chegada do final do ano comemorava-se também o fim de mais um ano letivo e a certeza de que outros anos viriam. Mais o inicio das aulas não era esperada apenas pelos alunos, mas toda população local inclusive o comerciantes que comprando material escolar e farda, pois nesse período aumentavam muito as vendas nos armazéns locais.

As lembranças narradas cordialmente foram importantes para elaboração a principio da pesquisa e posteriormente deste trabalho. Todas as narrativas merecem destaque nas considerações finais, pois sem elas teria sido impossível a realização da analise, da elaboração e da conclusão deste trabalho, porque o mesmo foi feito a partir das experiências, das imagens, dos relatos de vida e dos relacionamentos construídos dentro e fora dos educandários. As pessoas que nos contaram suas expectativas, experiências e realizações permitiram a concretização da Historia da Educação nos anos de 1942 a 1986.

As histórias desses espaços se confundem com as histórias das vidas das pessoas, que durante as conversas elas foram relatando suas vidas para facilitar nosso entendimento.

A pós o termino da nossa pesquisa é importante lembrar os autores com os quais dialogamos no decorrer deste trabalho, os mesmos contribuíram com suas teorias, análises, metodologia, conceitos, enfim foi através dessas leituras que conseguimos produzir uma leitura e uma escrita nossa.

De modo geral, consideramos que nosso trabalho traz contribuições ao campo da história, por propor reflexões e abordar o espaço educativo através das experiências dos moradores que levaram ao enriquecimento desse espaço. Lidamos também com análises da cultura, da sensibilidade, da religiosidade, estamos discutindo fatos históricos importantes para a historiografia contemporânea, em que valorizamos as experiências de cada um e suas lembranças por eles narradas.

Almejamos que esta escrita sensibilize os leitores de modo a perceberem como se deu todo processo de construção das escolas, escolha dos cursos, sem esquecer o lazer, do religioso, do político e as relações vivenciadas diariamente durante essas trajetórias.

Mais, este trabalho ainda tem muito a ser ampliada em diversos aspectos, visto que nossa pesquisa aqui apresentadas não esta totalmente finalizada e cabe ao historiador não concluir as abordagens de um objeto que ainda tem muito a ser estudado. Esperamos ter alcançado nosso objetivo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Joana D'arc do Socorro Alexandrino de. **A Escola Rural Brasileira: Vencendo os Desafios nos Caminhos e Descaminhos do Tempo**. P (01-11). In. <http://www.ufpi.edu.br>. acesso em 15/09/2012.
- ARRUDA, José Jobson de A. e PILETTI, Nelson: **Toda a História: História Geral e História do Brasil**. São Paulo. Ed: Ática, 11ª edição, 4ª impressão, 2001. P (364-370).
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar, 2005.
- CAMPOS, Regina Celia Pereira. **A Formação Humana: Reflexões sobre Educação e Trabalho**. In: *A Educação e a formação humana: Tensões e desafios na contemporaneidade/ Maria Inês de Matos Coelho, Anna Edith Bellico da Costa (org.); Aurea Regina Guimarães Tomaz:...*[etal]. - Porto Alegre: Artemed, 2009. P (42-62).
- CORAGGIO, José Luis. **Transformação Produtiva com Equidade**. IN: *Desenvolvimento Humano e Educação*. 3ª ed.- São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Prospectiva, V.1). P (88-94).
- DIAS, Luz Mary Padilha: **Da Palmatoria Visível a Palmatoria Invisível**. In. <http://www.webartigos.com/artigos/da-palmatoria-visivel-a-palmatoria-invisivel/657/>, acesso em 25/10/2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurelio Século XXI: minidicionário da língua portuguesa**. 5 ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2011.
- FREITAS, Sonia Maria: **Historia Oral: Possibilidades e Procedimentos** / 2ª ed. - São Paulo: Associação Editorial Humanística, 2006.
- GONÇALVES, Irlam Antônio. **Cultura Escolar: Práticas e Produção dos Grupos Escolares de Minas Gerais (1891/ 1918)**. Belo Horizonte: Autêntica, FCH-FUMEC, 2006.
- JUNQUEIRA, Sergio Rogerio de Araújo: **O Processo de Escolarização do Ensino Religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARQUES, Everson Augusto. **Políticas Educacionais Brasileiras: décadas de 50 aos dias atuais**, 2011.

PANTEL, Kamila Farias. **Escola rural multessereada** [dissertação]: espaço e relações: Orientadora. Sônia Aparecida Branco Beltrame. Florianópolis, 2011.

PIMENTEL, Marijane Alves Andrade: **As Políticas de Formação Docente para o Campo- Do Paradigma Rural ao Paradigma do Campo**. In: Sinai e Sentidos em Educação: Políticas Educacionais e Psicologia da Educação/ Maria da Conceição Miranda Campêlo... [et al]; (organizadoras). – João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2010. P (35-51).

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira: **Da Era das Cadeiras Isoladas a Era dos Grupos na Paraíba**. Campinas. Universidade São Francisco, 2002. (coleção Contemporânea).

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira: **Historia da Educação no Brasil (1930- 1973)**. Petrópolis. Ed. Vozes. 2ª edição. 1980. P (153- 254).

SILVA, Isabel de Oliveira: **A Criança Pequena e seus Direitos: A Construção de Referencias no Campo da Educação**. In: A Educação e a Formação Humana: Tensões e Desafios na Contemporaneidade / Maria Inês de Barros Coelho, Anna Edith Bellico da Costa (org.); Aurea Regina Guimarães Tomaz:...[et al]. - Porto Alegre: Artemed, 2009. P (69-89).

SOUSA, Estelita Antonino: **Fatos Históricos de Serra Branca**. João Pessoa. Ed. UFPB. 1ª ed. 2008. P (59-74).

FONTES:

1-Fontes Escritas e Visuais:

Arquivo Inativo- livro de controle Semestral

Arquivo Pessoal - de Josefa Neponuceno.

Arquivo Pessoal- Margarida Antonino da Silva.

Arquivo pessoal - Maria da Conceição Antonino.

Arquivo Pessoal- Maria Inês Limeira Vilar.

Arquivo Pessoal- Maria Valério da Silva (Cece).

Arquivo Pessoal- Estelita Antonino de Sousa.

Arquivo Fotográfico- Fotógrafo José Heleno.

Arquivo Fotográfico- Fotógrafo Emanuel.

Arquivo Documental- do Colégio Estadual Senador José Gaudêncio.

Arquivo Eclesiástico- de Serra Branca, PB.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – censo 2010.

Livro de tombo- da Igreja Nossa Senha da Conceição de Serra Branca, PB.

Livro de controle Semestral- Arquivo do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão- Serra Branca- PB.

LDB- Lei de Diretrizes e Base da Educação, do ano de 1960.

Projeto Matinoré- Pesquisa realizada em 2005 pelos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio- de Serra Branca, sob Orientação do Professor Juarez Ribeiro de Araújo (Juca).

2- Fontes Orais

Entrevista: Edite Antonino de Assis Souza, entrevista concedida no dia 17/ 04/2012.

Entrevista: Estelita Antonino de Sousa, entrevista concedida no dia 17/04/2012.

Entrevista: Maria Augusta de Brito, entrevista concedida no dia 08/08/2012.

Entrevista: Margarida Antonino da Silva, entrevista concedida no dia 17/04/2012.

Entrevista: Maria da Conceição Antonino, entrevista concedida no dia 04/010/2012.

Entrevista: Maria Valério da Silva (Cece), entrevista concedida no dia 19/06/2012.

Entrevista: Maria do Socorro Moreira de Queiroz, entrevista concedida no dia 31/07/2012.

3- Sites

<http://www.nead.ufmt.br/index.asp>

<http://www.pagnez.com>

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/>

<http://www.portalsaofrancisco.com.br>

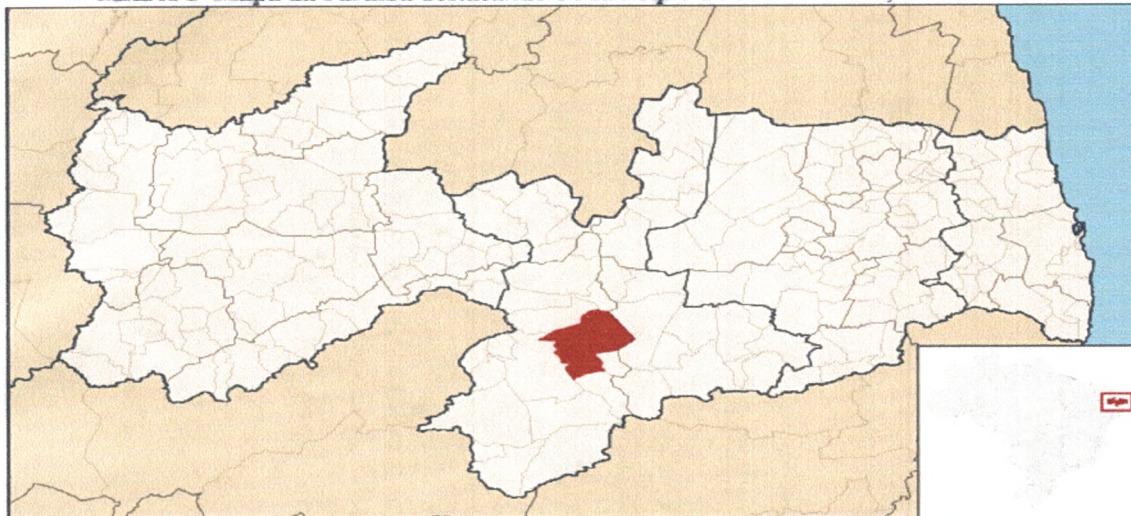
<http://www.webartigos.com/autores/eversonamarqueshotmailcom/>

<http://www.ufpi.edu.br>

<http://www.repositório.ufsc.br>

ANEXOS

MAPA 1- Mapa da Paraíba destacando o Município de Serra Branca, no ano de 2012.



MAPA 1- Acervo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Localizado no site do Wikipédia.

Foto da Igreja Nossa Senhora da Conceição e da Praça Local, no ano de 2012.



FOTO 1- Acervo Fotográfico do Fotografo Emanuel.

Foto atual do tumulo do Cônego João Marques Pereira, no ano de 2012.



FOTO 2- Acervo Fotográfico do Fotografo Emanuel.

Foto da E. M. E. F. M Cônego João marques Pereira (PRÓ), no ano de 2012.



FOTO 3- Acervo pessoal da autora.